

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM
BOSCO CURSO PSICOLOGIA

MARIANA MOUZINHO GARCIA

A VERDADE NUA E CRUA: uma análise das contingências de reforçamento
para a emissão de regras sexistas acerca das relações românticas.

São Luís
2022

MARIANA MOUZINHO GARCIA

A VERDADE NUA E CRUA: uma análise das contingências de reforçamento para a emissão de regras sexistas acerca das relações românticas.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Profa. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto.

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Garcia, Mariana Mouzinho

A verdade nua e crua: uma análise das contingências de reforçamento para a emissão de regras sexistas acerca das relações românticas. / Mariana Mouzinho Garcia. __ São Luís, 2022.

64 f.

Orientadora: Prof. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Relações amorosas. 2. Regras sexismo. 3. Análise do comportamento. 4. A verdade nua e crua. I. Título.

CDU 159.9.019.4

MARIANA MOUZINHO GARCIA

A VERDADE NUA E CRUA: uma análise das contingências de reforçamento das regras sexistas presentes nas relações românticas.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Regienne Maria Paiva Abreu Oliveira Peixoto

Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Ma. Thaísa Drielle Louzeiro Privado

Mestra em Psicologia
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Psi. Ana Beatriz Adler Freitas de Vilhena Frazão.

Psicóloga
Consultório Particular

Dedico a minha mãe, meu pai,
minha família, meu amigos e a
todos que acreditam em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente todas as pessoas que passaram pela minha trajetória acadêmica e por todas as contingências que serviram de aprendizagem e contribuíram para meu repertório durante essa difícil caminhada. Em especial, quero agradecer a Deus pelo dom da vida e por todas as conquistas que alcancei ao longo da minha existência, principalmente durante a faculdade.

Em seguida, agradeço imensamente aos meus pais que trabalharam incessantemente pela minha formação, não poupando esforços para me darem a melhor educação possível, sempre sonhando em ver a filha deles formada. À minha tia/madrinha (*in memoriam*) por sempre me incentivar nos estudos, a ter se disponibilizado para corrigir meus trabalhos acadêmicos e por todas as conversas sobre futuro.

Ao Felipe, por todo carinho, companheirismo, parceria e, principalmente, paciência. Muito obrigada por todo o suporte nesse momento, obrigada pelas críticas construtivas, por sempre me impulsionar a seguir em frente, por cada palavra de conforto e escuta que você me proporciona, por cada correção gramatical ou de qualquer outra coisa e por sempre dizer “Calma, vai dar tudo certo. Acredito em ti”. Com certeza você deixou esse processo o menos aversivo possível para mim. Agradeço imensamente por você ter feito e continuar fazendo parte desse momento tão importante na minha vida.

À minha terapeuta e xará, Mariana, por me acalmar no meu momento de total desespero e me tornar sensível às contingências. Obrigada, Mari, por me ajudar nesse processo de autoconhecimento que foi/é extremamente importante para meu crescimento profissional e pessoal.

Às amigas da faculdade. Inicialmente a Ayranna, Sarah e Maria Carolina pelo quarteto maravilhoso que formamos desde o início da faculdade e permanece até hoje após esses 5 anos de graduação. Obrigada por todas as saídas, por toda reunião de estudo dias antes de uma prova, pelos resumos maravilhosos que nos salvaram (obrigada mais uma vez por isso, Sarah), por cada abraço, por cada palavra amiga, por toda preocupação, etc. Em seguida, agradeço a amizade inesperada de Amanda, Gabriella e Livia, vocês foram uma surpresa na minha vida. Amanda, você me acalma e me deixa nervosa na mesma intensidade, mas sem

sombra de dúvidas é uma pessoa com quem posso contar em busca de acolhimento e um abraço amigo. Gabriella, quantas coisas temos em comum! Vivemos em um ano o que deixamos de viver em quatro, obrigada por você ser essa amiga sensível, parceira e confidente. Lívia, obrigada por ter me mostrado um lado totalmente desafiador que é trabalhar com as crianças dentro do TEA. Por fim, agradeço a oportunidade de conhecer mulheres maravilhosas e excelentes profissionais.

A todos os professores da UNDB pelos ensinamentos, "puxões de orelhas", conselhos, suportes, orientações e afins. Agradeço em especial às professoras Maria Emília, que tem uma sensibilidade fora do comum com os alunos; a Ana Letícia por quem eu tenho uma admiração muito grande e por ter sido a primeira professora a acreditar no meu potencial e à professora Lidiane por ter um jeito único em suas aulas, sendo impossível sair sem um sorriso no rosto.

À minha orientadora, Regienne, pela amizade construída no último ano de faculdade e por todo apoio ao longo da minha formação. Obrigada, Regi, por ser essa mulher incrível, por todo abraço, todo acolhimento, por toda preocupação quando percebe que não estou bem, por cada puxão de orelha que eu sei que é para o meu bem, por todos os ensinamentos e, sobretudo, por acreditar em mim e sempre me confortar dizendo "Calma, Mariana, vai dar certo. Calma!". Definitivamente você é um modelo para mim e espero ser um terço da profissional que você é.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se realizasse.

“É ingênuo supor que saber amar é intrínseco ao ser humano, e pensar assim reduz as relações de amor ao seu nível mais primitivo. A capacidade para amar e para desenvolver relações de amor esta sim é propriedade do ser humano.” (GUILHARDI, 2017, p.1).

RESUMO

A temática das relações amorosas é uma pauta bastante presente no cotidiano das pessoas, visto que o comportamento de relacionar-se e enamorar-se tende a ser algo marcante na vida de diversos indivíduos. No entanto, apesar de novas mudanças ideológicas e conceituais sobre as relações amorosas, a cultura/sociedade machista, patriarcal e sexista se torna variável, o que corrobora com práticas e discursos para diferentes comportamentos destinados aos homens e mulheres numa relação, além da possibilidade de estabelecer um provável comportamento de passividade das mulheres nas relações amorosas. Em vista disso, a pesquisa busca identificar contingências de reforçamento que explicam a manutenção de regras sexistas nas relações amorosas do protagonista do filme *A verdade nua e crua*. Para isso, objetivou-se, primordialmente, analisar funcionalmente as contingências que justificam a alta frequência de regras sexistas do protagonista nas relações românticas para, em seguida, descrever, a partir do modelo de seleção por consequências, a influência das variáveis culturais na manutenção de padrões sexistas nos relacionamentos amorosos; discutir o papel do controle por regras na manutenção de comportamentos sexistas; descrever as contingências que mantêm os comportamentos sexistas do protagonista do filme “A verdade nua e crua” em suas relações amorosas. A pesquisa se constitui em um estudo documental, de natureza básica, objetivo exploratório-descritivo e com uma abordagem qualitativa. Como resultado e discussão de todo o trabalho, observou-se que todas as vezes que Mike emitia regras sexistas, seu comportamento era reforçado pelo ambiente através da maior audiência no programa, de elogios do chefe, dos risos da plateia, de mulheres cederem ao seu argumento etc, e quando outras pessoas, principalmente a protagonista, tentavam argumentar, eram punidos. Através da pesquisa foi observado a existência de desigualdade na liberação de reforço entre os gêneros, sendo o homem mais privilegiado por reforços sociais do que as mulheres dentro das relações amorosas, além da valorização sobre os estereótipos do que é esperado para que homens e mulheres assumam dentro das relações, cabendo a mulher seguir tais “padrões ideais”, o que acabou mostrando um déficit comportamental, sem suma das mulheres, de enfrentamento/posicionamento frente às exigências para o gênero feminino nos relacionamentos.

Palavras-chave: Relações amorosas. Regras. Sexismo. Análise do Comportamento. *A verdade nua e crua*.

ABSTRACT

Romantic relationships are a theme very common in daily routine, since the behavior of relating and falling in love with another person tends to be something remarkable in many people's lives. However, despite new ideological and conceptual changes about love relationships, the macho, patriarchal and sexist culture/society becomes variable, which corroborates with practices and discourses for different behaviors aimed at men and women in a relationship, in addition to the possibility of establish a probable passivity behavior of women in love relationships. In view of this, the research seeks to identify contingencies of reinforcement that explain the maintenance of sexist rules in the love relationships of the protagonist of the film "A Verdade Nua e Crua". To this, aimed, primordially, functionally analyze the contingencies that justify the high frequency of sexist rules by the protagonist in romantic relationships to then describe, from the selection-by-consequences model, the influence of cultural variables in maintaining sexist patterns in romantic relationships; discuss the role of control by rules in maintaining sexist behavior; to describe the contingencies that maintain the sexist behavior of the protagonist of the film "A Verdade Nua e Crua" in his love relationships. This research is a documentary study, of a basic nature, with an exploratory-descriptive objective and a qualitative approach. As a result and discussion of the entire work, it was observed that every time Mike issued sexist rules, his behavior was reinforced by the environment through the greater audience in the program, praise from the boss, the laughter of the audience, women giving in to his argument, etc and when other people, mainly the protagonist, tried to argue, they were punished. Through this research, the existence of inequality in the release of reinforcement between genders was observed, with men being more privileged by social reinforcements than women within love relationships, in addition to the appreciation of the stereotypes of what is expected for men and women to assume within relations, which ended up showing a behavioral deficit, without summing up the women, of coping/positioning in the face of the demands for the female gender in relationships.

Keywords: Romantic Relationships. Rules. Sexism. Behavior Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paradigma operante	31
Figura 2 - 1º exemplo de análise funcional molecular	33
Figura 3 - 2º exemplo de análise funcional molecular	33
Figura 4 - Exemplo de análise funcional molar	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise Funcional Molecular 1	44
Tabela 2 - Análise Funcional Molecular 2	46
Tabela 3 - Análise Funcional Molecular 3	48
Tabela 4 - Análise Funcional Molecular 4	49
Tabela 5 - Análise Funcional Molecular 5	50
Tabela 6 - Análise Funcional Molecular 6	52
Tabela 7 - Análise Funcional Molar do padrão comportamental de criticidade de Mike.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF	Análise Funcional.
C	Consequência.
CV	Comportamento Verbal.
CGR	Comportamento Governado por Regras.
CMC	Comportamento Modelado por Contingências.
R	Resposta.
R+	Reforço Positivo.
P+	Punição Positiva.
Sd	Estímulo Discriminativo.
Sr	Estímulo reforçador.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 VISÃO DE HOMEM PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	19
2.1 Discussões de Gênero na AC	23
2.2 Controle por Regras	26
2.2.1 Autorregras.....	28
2.3 Análise Funcional do Comportamento	30
2.3.1 Análises funcionais moleculares e molares	31
3 RELAÇÕES AMOROSAS	35
3.1 A presença do sexismo no papel social do homem e da mulher nas relações românticas.....	38
4 METODOLOGIA	42
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

A temática das relações amorosas é uma pauta bastante presente no cotidiano das pessoas, visto que o comportamento de relacionar-se e enamorar-se tende a ser algo marcante na vida de diversos indivíduos. O conceito de relacionamento romântico constrói-se de maneira influenciada pela sociedade a partir das constantes dinâmicas sociais, históricas e políticas que atravessam o desenvolvimento dos grupos sociais (SMEHA, OLIVEIRA, 2013). Portanto, essa temática não deve ser discutida de forma fechada, mas sim, numa perspectiva que vai além dos padrões convencionados (relações heterossexuais e monogâmicas), mas convém “estudar os relacionamentos amorosos [...] contextualizando-os, definir de onde e de que momento falamos.” (CHAVES, p.1, 2004).

Por exemplo, nos anos 50, para relacionar-se em muitas sociedades ocidentais, o homem deveria ter o trabalho de conquistar a moça e ela, por sua vez, deveria manter uma reputação de "mulher certa" a fim de conseguir um casamento, visto que este era um dos principais objetivos das mulheres naquela época (ALMEIDA, VECCHIO, LOURENÇO, 2015). Atualmente, vê-se que as pessoas estão mais despreocupadas em relação à pressão de estar em um relacionamento e dissociaram a ideia do sucesso/felicidade/realização pessoal estar convergida em se ter uma relação amorosa (SARTORI, BARBOSA, 2016).

Contudo, apesar de todas as transformações que as relações amorosas sofreram ao longo dos anos, alguns pontos ainda se assemelham a décadas atrás. Neves (2007) afirma que existe uma expectativa da sociedade de comportamentos estereotipados a serem seguidos por cada gênero nos relacionamentos. Por exemplo, o homem deve ser o detentor da iniciativa no romance, enquanto a mulher deve “fazer charme” ou “jogo duro” a fim de chamar a atenção do homem. A autora ainda afirma que a ideologia romântica é muito mais disseminada entre as mulheres, fazendo-as passivas e sonhadoras no processo de relacionar-se romanticamente com o homem.

Atualmente, apesar de novas mudanças ideológicas e conceituais sobre as relações amorosas, ainda é vista a existência de padrões comportamentais destinados aos homens e mulheres numa relação. Del Priore (2006) destaca que

apesar da revolução da esfera romântica ser válida, ainda há o velho discurso nas entrelinhas sobre um ideal normativo do aceitável ou não aceitável. Mulheres são “divididas” em certas e erradas, homens são vistos com o poder de escolha sobre a parceira, sobre o que querem ou das decisões nas relações amorosas. Ademais, uma cultura machista, patriarcal e sexista se torna variável que corrobora com práticas e discursos possíveis de estabelecer um provável comportamento de passividade das mulheres nas relações amorosas.

As características destinadas aos gêneros nos relacionamentos mencionados no parágrafo anterior podem ser vistas e ouvidas diariamente na medida em que discursos como: “Você só será completa com uma família (filho e marido)”, “Você precisa se cuidar, senão ele te trai”, “sabe cozinhar? já pode casar”, são disseminados, perpetuados e destinados às mulheres. Em contrapartida, a concepção sobre a figura do homem é a do provedor da família, aquele que tem sua infidelidade tolerada, para quem os níveis de exigência na aparência são mais baixos e a idade não é considerada um fator tão problemático para o relacionamento amoroso.

Por certo, é visto que há um sistema ideológico que favorece o homem e desfavorece a mulher nas relações amorosas, principalmente nas relações heterossexuais. E a manutenção dessa ideologia, que reforça esses discursos e convicções do que é esperado nas mulheres, por exemplo, pode ser vista nas reproduções cotidianas que envolvem desde uma conversa despreziosa entre pessoas até as novelas e propagandas de produtos de larga escala de consumo (COSTA, 2019). Por esses discursos serem tão presentes no dia a dia, se torna difícil para a sociedade e, principalmente, para as mulheres discriminarem o porquê de comportamentos sexistas serem amplamente reproduzidos.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou, através do filme “*A verdade nua e crua*” (NEWMYER, 2009), analisar a presença de comportamentos sexistas nos relacionamentos amorosos. Esta clássica comédia romântica mostra padrões sexistas e machistas do protagonista ao longo de todo o filme. Por um aparente domínio em assuntos que envolvem relacionamentos amorosos e a “arte da conquista”, o protagonista se utiliza do discurso da submissão feminina para que estas se adequem às expectativas dos homens. No filme, é evidente os padrões

impostos pelo protagonista e pela sociedade para que a mulher alcance um relacionamento de sucesso.

Diante o exposto, a pesquisa traz o seguinte problema: quais contingências de reforçamento explicam a manutenção de regras sexistas nas relações amorosas do protagonista do filme *A verdade nua e crua*?

Para o alcance da pergunta problema, a pesquisa tem como o objetivo geral analisar funcionalmente as contingências que justificam a alta frequência de regras sexistas do protagonista nas relações românticas a partir do filme “*A verdade nua e crua*”. E como objetivos específicos tem-se: descrever, a partir do modelo de seleção por consequências, a influência das variáveis culturais na manutenção de padrões sexistas nos relacionamentos amorosos; discutir o papel do controle por regras na manutenção de comportamentos sexistas; descrever as contingências que mantêm os comportamentos sexistas do protagonista do filme “*A verdade nua e crua*” em suas relações amorosas.

Além de tudo, as peculiaridades e o influxo do comportamento humano contribuíram para o estudo sobre a influência e a manutenção de pensamentos e de comportamentos observáveis (falas, ações) sexistas a partir das análises feitas no filme *A verdade nua e crua*, tornando este estudo de grande relevância pessoal pois, além de ajudar a discriminar a reprodução de padrões coercitivos como esses em algo consumido em grande escala (filmes), possibilita conhecer a repercussão que essa ideologia traz, principalmente, para o comportamento da mulher em se adequar as essas exigências impostas pela sociedade, exigências essas que acontecem desde a infância de forma inconsciente. Além disso, a utilização de recursos ilustrativos como filmes, por exemplo, pode ser uma ferramenta de apoio ao trabalho do psicólogo que pretende trabalhar com o recorte das relações amorosas, compreendendo cada vez mais os impactos coercitivos que as agências de controle (família, amigos, mídia,) exercem no bem estar da mulher.

Em um contexto mais amplo, é de suma importância compreender e discriminar como a disseminação das ideias, expectativas e de comportamentos que negligenciam o valor e o papel da mulher em relacionamentos que, apesar de serem vistos como problemáticos por uma parte da sociedade, ainda são amplamente reproduzidos. Trazer o filme como exemplo para o estudo favorece uma aproximação

com a população a fim de proporcionar maior facilidade na compreensão sobre a problemática. Ademais, estudos sobre relacionamentos amorosos são consideravelmente recentes e apesar de haver uma literatura vasta e com diferentes recortes, se torna necessário trazer cada vez mais temas problemáticos e importantes de serem debatidos de forma simplificada e que vá além da teorização, abrangendo a realidade vivenciada. Na perspectiva acadêmica, a pesquisa busca fornecer subsídios a alunos, terapeutas iniciantes e profissionais que já atuam na clínica a estarem sensíveis e abertos a ver o contexto que mantém esses comportamentos, visto que, muitas vezes, essas questões podem parecer óbvias, mas é necessário discutir e respeitar o tempo do outro que sofre, em algum nível, naquele relacionamento. Dessa forma, o futuro profissional e/ou profissional, precisam estar abertos a discussão e identificação da influência das práticas culturais, a valorização das atribuições previstas para as mulheres relações amorosas e as prováveis consequências de tais variáveis na saúde mental feminina.

2. VISÃO DE HOMEM PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.¹

O homem tem sido objeto de estudo por muito tempo com a finalidade de compreender o comportamento humano e dentre as diversas teorias existentes, o Behaviorismo foi bastante criticado por sua filosofia. Para os críticos da época, os behavioristas não consideravam características essenciais à vida humana como os sentimentos, as emoções, sensações e toda a atividade “mental”, ou seja, comportamentos privados. Segundo seu críticos, o behaviorismo era muito metódico e deixava o homem num lugar de passividade, como um mero coadjuvante de sua vida uma vez que o ambiente era exclusivamente visto como o controlador do comportamento, desconsiderando a relação entre homem e ambiente (SKINNER, 1974).

Desde muito tempo o homem era e ainda é visto como um ser que carrega consigo algo impalpável e muito “poderoso” que rege seus desejos, seus comportamentos, sua vida etc. A isso, a igreja vai denominar como alma e alguns estudiosos irão definir como mente (MATOS, 1997). Em contrapartida, Matos (1997) ainda destaca que o Behaviorismo se opõe a essa ideia de uma imaterialidade que rege os comportamentos onde, por mais que Watson, mesmo que não tenha negado a existência da mente, já começa uma a dissociar o estudo científico do comportamento aos fenômenos atribuídos à consciência. Mais para frente, vê-se que é com Skinner que ocorre a ruptura total da visão de homem como tendo parte imaterial e que tem sua vida governada por algo abstrato (MATOS, 1997). O Behaviorismo Radical, proposto por Skinner, entende o comportamento e essa suposta instância imaterial (alma ou mente) como uma só natureza - física -, sendo esta visão definida como monista (MORAES, 2016).

Por mais que as críticas mencionadas anteriormente tenham sido inicialmente direcionadas ao Behaviorismo watsoniano (estudo de Watson sobre comportamentos públicos/observáveis) e mesmo depois que Skinner propusera uma nova possibilidade para compreender o comportamento humano através do Behaviorismo Radical, as críticas ainda se mantêm constantes (SKINNER, 1974). No

¹ “Homem” como termo utilizado para referenciar pessoas de diferentes gêneros.

entanto, é visto que durante todo seu percurso teórico, Skinner trouxe várias explicações complementares sobre o comportamento e em sua definição de comportamento operante vê-se explicitamente o autor mencionar a relação entre o homem e o ambiente, colocando esse homem num lugar de protagonista também, mas ainda evidenciando o ambiente como controlador do seu comportamento (MICHELETTO, SÉRIO, 1993).

Para Skinner (1978, p.15) “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação”. Ou seja, o homem está em constante interação com o ambiente, sendo ele produtor desta relação, uma vez que ele altera o ambiente e também sofre os efeitos das consequências de seu comportamento. Não é uma relação estática, existindo uma influência mútua entre ambos nesta interação. Como ilustração, Moreira e Medeiros (2014) dão um exemplo de uma pessoa que dirige em alta velocidade (resposta) e tem como consequência a *"admiração" dos amigos* (ambiente), acabando por receber uma consequência reforçadora positiva pela emissão de sua resposta, fazendo com que em ocasiões semelhantes essa pessoa emita a mesma resposta ou uma resposta parecida novamente. Ou seja, o ambiente deu condições (estímulos discriminativos ou Sd 's) para que esse sujeito se comportasse e, ao fazer isso, o ambiente retroage também (estímulo reforçador ou Sr), modificando esse homem.

Em vista disso, tal afirmação de Skinner (1974) desconstrói a ideia do homem ter uma instância (mente) que o controla ou então um órgão (cérebro) que comanda o seu corpo e os seus comportamentos. Dessa forma, sendo o homem um ser que se comporta em função do ambiente e não mais em função de uma alma ou uma mente, Skinner busca explicar esses comportamentos, que antes eram justificados pela existência de uma entidade imaterial, através do modelo de Seleção por Consequências. Como Skinner nega a existência da mente humana, ele busca suporte nas ciências naturais para criar um modelo explicativo para o comportamento, encontrando na Teoria da Evolução de Darwin uma sustentação para sua teoria que busca explicar o comportamento humano (MICHELETTO, 1997). Skinner (1981) compreende que assim como o homem é resultado de um processo de evolução, o comportamento também faz parte desse mesmo processo, para isso o autor faz uma descrição de três níveis nos quais os comportamentos do homem

podem ser selecionados, sendo eles: o filogenético, ontogenético e cultural.

O nível filogenético, primeiro do modelo de seleção por consequências, é caracterizado pelas “contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies” (SKINNER, 1981 p.131). Neste nível, o ambiente “se modifica” e as espécies precisam se adaptar para sua sobrevivência, devendo essa mudança ser reforçadora para que a espécie varie seu comportamento diante dessa nova contingência (BAUM, 2019). Vale destacar ainda que os estudos sobre as variações e seleções que ocorrem na filogênese não são observados de forma “instantânea”, existe todo um estudo sobre o processo evolutivo para a compreensão da aquisição de novos comportamentos das espécies (SKINNER 1981). Por exemplo,

[...] É tentador dizer que o alimento é reforçador porque reduz a fome, mas o alimento na boca é reforçador quando não engolido ou ingerido, e o homem e outras espécies comem, quando não famintos. A capacidade de ser reforçado por alimento deve ser atribuída à seleção natural. O comportamento reforçado por alimento tem valor de sobrevivência [...]. (SKINNER, 1969, p. 326)

Dessa forma, o nível filogenético permitiu que o homem se comportasse tendo em vista variáveis fisiológicas inerentes à adaptação do organismo e a sua sobrevivência. Infere-se ainda que por vezes esses comportamentos que foram selecionados nesse nível são de difícil identificação por, provavelmente, terem se tornado corriqueiros na vida humana (SKINNER, 1969) o que pode acabar fomentando explicações mentalistas para tais comportamentos.

Prosseguindo no modelo de causalidade do comportamento, tem-se o nível ontogenético entendido como “contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros” (SKINNER, 1981, p.131). Esse é um nível no qual o comportamento seria selecionado de acordo com as consequências da história de vida do sujeito. Por exemplo, quando o sujeito se comporta no ambiente e obtém uma consequência reforçadora ele tende a emitir essa resposta em alta frequência novamente, mesmo que esta resposta não seja “[...] necessariamente adaptativa. [Por exemplo] alimentos não saudáveis são ingeridos e comportamento sexual não relacionado à procriação é fortalecido” (SKINNER, 1981 p.130). Ou seja, neste nível, o simples fato de ser uma consequência reforçadora já é motivo do comportamento ser selecionado, não estando necessariamente ligada a uma questão de sobrevivência.

Para este nível, Skinner (1969) ressalta que

As contingências ontogenéticas continuam ineficazes até que ocorra uma resposta. O rato precisa pressionar a barra, pelo menos uma vez, “por outras razões”, antes de pressioná-la “pela comida”. Há uma limitação semelhante nas contingências filogenéticas. Um animal precisa emitir um grito, pelo menos uma vez, por outras razões, antes que o grito possa ser selecionado como um aviso, em função de sua vantagem para a espécie. Segue-se que todo repertório de um indivíduo ou espécie precisa existir, ainda que em forma de unidades mínimas, antes que possa ocorrer a seleção ontogenética e filogenética. Ambas as contingências, a ontogenética e a filogenética, “modelam” formas complexas de comportamento, a partir de material relativamente indiferenciado. Ambos os processos são favorecidos, caso o organismo apresenta um repertório extenso e indiferenciado. (p. 175-176)

Mesmo que não esteja explícito pelo autor o terceiro nível de seleção (cultural), em todos os três níveis o ambiente oferece variáveis que evocam comportamentos do sujeito e, como em todo contexto, o homem precisa se comportar para obter algo, mesmo que a princípio a função do comportamento não seja discriminada. Ao se comportar, as consequências, tanto as reforçadoras quanto as punitivas, irão modificar o repertório do sujeito uma vez que o comportamento que ele emitiu foi selecionado dentro de uma determinada contingência.

Ainda no segundo nível, o homem tende a se comportar não mais por uma questão de necessidade ou sobrevivência como acontecia no primeiro nível. Agora ele se comporta operando nesse ambiente na direção de aquisição de novos comportamentos que são selecionados pelas suas consequências, de forma que eles sejam importantes e adaptativos para o seu repertório comportamental (ANDREY, 1997). Vale ressaltar ainda que o nível ontogenético “[...] põe em cena [...] um indivíduo mais maleável, capaz de responder a um ambiente que muda durante sua vida [...] [sendo], pela primeira vez na evolução, controlado pelas consequências de seu comportamento individual” (ANDREY, 1997, p. 202)

Por fim, no último nível de seleção Skinner (1981) entende que a cultura tem um valor importantíssimo para o comportamento do homem e entende esse nível como sendo um arranjo de “contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído” (p.131). Diante de todos os níveis e toda a evolução, o homem chegou a um comportamento específico que o diferencia de todas as espécies e que lhe possibilita ter interações sociais e culturais, sendo este comportamento definido por Skinner (1974) de verbal.

É possível compreender um pouco mais o comportamento verbal quando se vêem os outros níveis de seleção. Por exemplo, a partir da evolução no nível filogenético da faringe e das cordas vocais, juntamente com a evolução no nível ontogenético onde o homem variou nas respostas vocais (por exemplo, a resposta de gritar tinha como função alertar algo) e selecionou novas respostas a partir das consequências que operaram no ambiente após ele se comportar (SKINNER, 1974; ANDREY, 1997) e possibilitaram o que Skinner (1974, p.79) chama de “comportamento vocal operante”. O comportamento verbal é um operante que tem suas consequências mediadas socialmente e para que ele ocorra é necessário que exista um episódio verbal onde o falante e ouvinte devem compartilhar um repertório verbal semelhante (SKINNER, 1978).

Ainda sobre esse comportamento, Andery defende a ideia que

[...] os homens, capazes de comportamento verbal, tornam-se suscetíveis a um novo modo de seleção por consequências: a seleção que atua sobre práticas culturais - práticas embasadas em reforçamento social, práticas que dependem da participação de mais de um indivíduo - selecionando aquelas práticas que permitem a sua própria sobrevivência e a do grupo praticante. [...] [O nível cultural] permite não apenas a sobrevivência de um grupo praticante, mas certamente torna este um grupo especial, um grupo capaz de transmitir o que foi aprendido através do tempo, através de indivíduos e até mesmo através de lugares. A cultura permite uma certa atemporalidade da experiência no sentido de que permite que o mundo seja conhecido através da experiência de outros, que nem sequer precisam estar presentes fisicamente. Isso traz à espécie humana uma nova capacidade de adaptação ao meio ambiente, uma adaptação que começa libertando o indivíduo do contato direto com o mundo mecânico na obtenção de seus reforçadores e que termina - hoje - por tornar este contato uma necessidade urgente. (ANDERY, 1997, p.204)

Percebe-se que, por vezes, o homem nem precisa estar em contato direto com a contingência para saber como se comportar diante dela. Por exemplo, um sujeito brasileiro não precisa ir a um enterro para saber que a vestimenta “esperada/adequada” para essa ocasião tem que ser a cor preta, tendo em vista que em algum momento da evolução cultural no Brasil observou-se a alta frequência no comportamento das pessoas de vestir-se de preto nessas ocasiões e essa informação, através do comportamento verbal, chegou a esse homem (ouvinte) através da comunidade verbal (falante). Dessa forma, com a aquisição do comportamento verbal o homem desenvolve um refinado repertório comportamental que lhe tornou um ser social e, tendo em vista a evolução desse ambiente mais

social, a partir das práticas grupais e culturais, o homem varia e seleciona comportamentos pelas consequências condizentes a sua adaptação aquele grupo (SKINNER, 1978).

2.1. Discussões de gênero na Análise do Comportamento.

Por muito tempo o gênero foi compreendido a partir da visão biologicista. Em um estudo feito por Laqueur (2001), citado por Zanello (2018), o autor expõe que não havia diferença sexual entre o homem e a mulher, eles eram entendidos como biologicamente iguais uma vez que as mulheres apenas não se desenvolveram da forma esperada, que seria com o órgão sexual idêntico ao do homem, chegando até a serem reconhecidas como seres soezes. Essa ideia de gênero estar associada ao sexo biológico foi questionada com o passar dos anos e desde então busca-se compreender mais sobre o que seria o gênero. Tal questão passou a ser ainda mais discutida a partir dos movimentos feministas que buscavam desatrelar o gênero da ideia biológica (sexo), e buscavam entendê-lo na perspectiva social (ZANELLO, 2018). Atualmente, Nicolodi e Arantes (2019), a partir de estudos e revisão sobre a temática, entendem que gênero corresponde a uma “construção social das categorias feminino e masculino” (p. 67).

Numa visão analítico-comportamental, o gênero surge a partir da interação do sujeito com o ambiente, onde comportamentos que caracterizam o que seria feminino e masculino tendem a ser selecionados pelo ambiente, fazendo com que o sujeito encontre nas contingências sociais uma fonte de reforço para a manutenção desses comportamentos (NICOLODI, ARANTE, 2019). No entanto, Nicolodi e Arantes (2019) destacam a importância de evidenciar que nesse ambiente “as mulheres dispõem de menor acesso a reforçadores sociais em comparação ao acesso masculino a esses mesmo reforçadores” (p. 70), ou seja, por mais que o gênero seja uma construção social, as contingências sociais e as práticas culturais que operam no ambiente reforçam de formas diferentes os comportamento de um gênero (masculino) em relação ao outro (feminino). Essa estrutura ideológica que privilegia o masculino em detrimento ao feminino pode ser entendida a partir do modelo patriarcal presente na maioria das culturas (NICOLODI, 2020).

Para Saffioti, o patriarcado corresponde a uma “hierarquia entre homens e

mulheres existente há milênios, com primazia masculina, e que estabelece uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens [...]” (apud Nicolodi, 2020, p.19). Ou seja, são culturalmente reforçadas diferentes topografias de respostas que privilegiam os homens visando uma específica função: exercer o controle sobre as mulheres. Para Skinner (1974) o controle é uma característica comum da interação entre o homem e o ambiente, fazendo essa variável se tornar ainda mais poderosa na vida do indivíduo quando exercida por várias pessoas ou por uma comunidade inteira. Dessa forma,

[...] as contingências sociais estão organizadas de tal modo a garantir a manutenção de práticas culturais e padrões de comportamento que fortalecem a supremacia masculina e estabelecem uma hierarquia de poder entre os gêneros, dentro da qual as mulheres são sistematicamente oprimidas e não beneficiadas. E esse conjunto de contingências sociais damos o nome de **contingências patriarcais**, [...] [entendidas como] um sistema social em que um conjunto de contingências socialmente organizadas estabelece práticas culturais e padrões de comportamento de interação desiguais entre os gêneros, e dentro das quais os homens, sistematicamente, se beneficiam e concentram mais poder do que as mulheres, o que, por sua vez, as colocam em posições de inferioridade e com liberdade restrita. (NICOLODI, ARANTE, 2019, p. 77) (grifo meu)

Tal afirmação evidencia os níveis ontológicos e, principalmente, culturais operando no ambiente para a construção do gênero (caracterizado como uma classe de respostas destinadas às características do ser masculino e feminino) e reforçando em níveis desregulares os comportamentos de homens e mulheres, uma vez que existe um reforçamento em alta magnitude para as respostas que envolvem controle e opressão às mulheres. Nicolodi e Arante (2019) dão um exemplo prático quando se observa que as regras operam como importantes comportamentos verbais para a “adequação” das mulheres a uma determinada situação, sendo o comportamento verbal (C.V) reforçado pelas contingências sociais o que acaba potencializando comportamentos de estigmatização ao gênero feminino. Ademais, na maioria das vezes as práticas culturais coercitivas liberam reforços imediatos às mulheres quando elas se comportam de maneira desejadas (COUTO, 2019) o que acaba por favorecer um repertório de “passividade”.

Paralelamente a isso, percebe-se que por mais que se tenham discrepâncias nos reforços liberados para cada gênero e a alta frequência das respostas de poder e de controle que são exercidas sobre o gênero feminino, a classe

feminina tem se comportado operando nas contingências sociais e culturais a fim de conquistar um espaço de mais visibilidade, empoderamento e livre de opressões (COUTO, 2019). Esses movimentos feitos principalmente pelas mulheres podem ser observados quando elas “questionam a ideologia patriarcal, [...] [transformam] estruturas e instituições que reforçam e mantêm essa ideologia e [criam] condições para que ambos sejam feitos pelas mulheres” (COUTO, 2019, p. 141). Esse movimento pode ser entendido como um comportamento de contracontrole que as mulheres emitem a essas contingências coercitivas presentes na sociedade.

Skinner (1974, p.164) entende a ocorrência do contracontrole quando “os que são assim controlados passam a agir. Escapam ao controlador [...] ou então atacam a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador”. Nesse contexto, o contra controle pode ser compreendido como uma classe de respostas, geralmente emitida pelo gênero feminino, que vão de encontro às ideologias de opressão de um gênero sobre o outro e, por estar sendo cada vez mais comum tal posicionamento nas relações sociais, percebe-se que esse contracontrole às contingências patriarcais tem sido reforçados quando emitidos.

Em vista disso, é importante que os sujeitos se tornem sensíveis às variáveis patriarcais, machistas e misóginas que operam no ambiente e que reforçam a ideia de inferioridade à qual as mulheres devem se submeter e, a partir disso, se comportar de forma a expandir seu repertório comportamental nas relações com os gêneros existentes na sociedade (COUTO, 2019). Para Couto (2019), por mais que “o controle aversivo ainda seja empregado contra as mulheres que passam a agir de modo a desafiar o poder masculino” (p.163) a autora identifica que contingências sociais tem possibilitado que o gênero feminino crie/amplie seu repertório comportamental para “enfrentar” a ideologia patriarcal da sociedade.

2.2. Comportamento governado por regras

Sendo o comportamento humano compreendido como o resultado da interação entre o organismo e o ambiente, esta interação ocorre de maneira respondente e/ou operante, podendo esta última ser classificada como comportamentos modelados por contingências (CMC) e comportamentos governados por regras (CGR). Para Skinner (1969) essas duas últimas formas de comportar-se

correspondem respectivamente ao fato do sujeito se comportar de tal forma hoje porque no passado ele se comportou de determinada maneira num contexto específico que acabou produzindo uma consequência que justifica seu comportamento atual; e a segunda corresponde ao fato do sujeito se comportar sob controle de um estímulo discriminativo verbal (regra) a fim de que uma determinada consequência social, provida por aqueles que descrevem a regra, ocorra.

Baum ainda destaca que o CGR “depende do comportamento verbal de outra pessoa (o falante), enquanto o comportamento modelado implicitamente não requer outra pessoa, requer somente interação com reforço não social” (2019, p.205). Por exemplo, o comportamento de uma mãe em colocar tampões na tomada após ser orientada (regra) pela pediatra de que isso diminuirá os riscos da criança levar um choque, é diferente do comportamento de uma mãe que botou tampões na tomada após seu filho ter levado um choque (contingência).

Compreende-se então que as regras surgem a partir de contingências de reforçamento ou a partir do momento em que o indivíduo se depara com um cenário emergente para a sua criação ou quando se estuda um contexto onde é visto ser propício à criação de uma regra (SKINNER, 1969). Elas ajudam na instalação e manutenção de comportamentos no repertório do sujeito para que ele se adapte de forma mais rápida no ambiente. Dessa forma, é possível notar a presença das regras controlando a vida das pessoas, como, por exemplo, nas instruções, em receitas, nos livros, no cinema, nas músicas, nos manuais, em orientações, nos conselhos e etc. Por vezes, seguir uma regra se torna mais eficaz do que se expor propriamente a uma contingência e vivenciar aquela aprendizagem, uma vez que “a regra cobre apenas o essencial, [ela] pode omitir aspectos que dão ao comportamento modelado por contingências o seu caráter” (SKINNER, 1969, p. 296).

Regras são úteis para a sociedade. Estabelecer e formular regras é um comportamento frequentemente reforçado entre e pelos mais velhos de uma comunidade; reforçado pela sua eficácia na instalação e manutenção de comportamentos desejados entre os mais jovens, que continuarão e perpetuarão as práticas culturais necessárias para a sobrevivência daquele grupo como um todo. Regras são particularmente empregadas em situações em que as contingências naturais são fracas, ou porque estas têm magnitude pequena ou porque operam a longo prazo [...] As consequências sociais do seguir regras são importantes a curto prazo e, eventualmente, também a longo prazo, na medida em que suplementam os efeitos reforçadores dessas outras consequências do seguir regras. (MATOS, 2001, p. 8)

Ademais, Baum ainda aponta o fato do comportamento governado por regras sempre envolve duas contingências em sua “estrutura”, sendo a primeira “de longo prazo, [compreendida como] a relação *última* – a razão primeira da regra –, e outra de curto prazo, a relação de reforçamento *próxima* por seguir a regra” (2019, p.213). Ou seja, a contingência última serve como um estímulo discriminativo para a formulação de regras; o sujeito se comporta para que obtenha o reforço natural que se seguirá após ele comportar-se e, só pelo fato dele seguir a regra (contingência próxima) também será reforçado socialmente.

De toda forma, as regras contribuem imensamente na construção e manutenção do repertório comportamental do sujeito, elas são imprescindíveis na sociedade.

2.2.1 Autorregras

Por sua vez, as autorregras são compreendidas quando o sujeito passa a formular e seguir suas próprias regras. Isso ocorre pela possibilidade do homem ocupar o lugar de falante e ouvinte ao mesmo tempo na comunidade verbal, tornando-o possível de emitir e acatar a regra, visto que o CGR necessita de um estímulo discriminativo verbal (SKINNER, 1969). E, na medida que essa formulação de autorregras ocorre, o sujeito encontra contingências de reforçamento que operam na manutenção delas; ele pode prover seu próprio reforçador, caso suas autorregras sejam privadas (pensamentos), ou pode encontrar reforço no ambiente caso suas autorregras sejam públicas (falas, ações, etc.) (CASTANHEIRA, 2001). No entanto, é importante frisar que

[...] há diferenças entre seguir regras feitas pelos outros e seguir as próprias regras, porque as contingências sociais envolvidas em seguir regras não podem operar da mesma forma quando uma pessoa ouve o seu próprio discurso. Não é raro o indivíduo formular para si próprio regras inadequadas, ambíguas, imprecisas, irreais e impossíveis de seguir. Algumas vezes, as pessoas fazem autoverbalizações descritivas de contingências identificadas na sua vida e formulam "auto-regras" que passam a controlar seus comportamentos, muitas vezes de forma mais efetiva que as próprias contingências. [...] Banaco (1997) aponta exemplos de auto-regras que descrevem falsas contingências em um caso clínico de patologia comportamental. (CASTANHEIRA, 2001, p. 40)

Ou seja,

Como o emissor e receptor da regra são os mesmos, ele não teria condições de fazer um feedback crítico sobre o tema. [...] Pode-se assim, formular autoverbalizações imprecisas, irreais ou ambíguas, que descrevem falsas contingências. (BARROS, 2010, p. 7-8)

As citações acima ressaltam as possibilidades do sujeito, após entrar em contato com determinada contingência, formular regras utópicas sobre a realidade. No entanto, por mais que uma pessoa mantenha uma autorregra irreal em seu repertório, de alguma forma ela está sendo reforçada e isso pode se tornar um perigo uma vez que as autorregras podem ocorrer num contexto aversivo e acabar reforçando ou legitimando um comportamento “problemático”.

Por exemplo, mulheres que vivem em relacionamentos abusivos e não conseguem o discriminar como tal, tendem a formular autorregras que “justificam” sua permanência nessa relação como: “não encontraria ninguém como ele”, “ruim com ele, pior sem ele” e etc. Nesse caso, as autorregras dessa mulher podem estar sendo reforçadas pelo apego de algum comportamento reforçador que o parceiro emitiu em algum momento do relacionamento ou essa mulher pode estar se esquivando de “estar sozinha”/ser solteira.

Essas exemplificações mencionadas colaboram para um importante ponto a ser destacado sobre as autorregras e regras no que diz respeito à possibilidade delas se tornarem problemáticas à medida que o sujeito não consegue sair do controle delas e ampliar seu repertório comportamental, se tornando insensíveis às contingências em vigor. Essa insensibilidade pode ser compreendida quando um sujeito deixa de receber uma consequência reforçadora quando emitia um determinado comportamento e ainda assim continua se comportando da mesma forma quando o reforço é liberado, mesmo que ele não exista mais na contingência (NICO, 1999).

Barros afirma que

O comportamento é considerado sensível às contingências quando muda sistematicamente diante de mudanças nas contingências de reforço. Por outro lado, o comportamento é considerado insensível, quando a contingência que o controla se modifica e não há alteração do comportamento diante das mudanças nas contingências de reforço. [...] a insensibilidade à mudança das contingências pode estar relacionada, não somente, ao comportamento de seguir regras, mas também a outros fatores, como variabilidade comportamental, história de reforçamento, densidade de reforços e grau de discriminabilidade das contingências. (BARROS, 2010, p. 6)

Os fatores relacionados à insensibilidade mencionados acima podem ainda evidenciar um possível déficit comportamental no repertório do sujeito. Essa variabilidade comportamental e de discriminabilidade das contingências mencionada pelo autor podem ser compreendidas como um déficit na medida em que o sujeito fica estagnado num padrão de resposta ou numa classe de resposta que pode causar uma certa desadaptação em seu ambiente (HUNZIKER; MORENO, 2000) além da falta de discriminabilidade das contingências fazer com que o indivíduo, por não conseguir discriminar, não reconheça sob que controle o seu comportamento se encontra.

De todo modo, é incontestável o papel das regras na sociedade. Elas modelam o comportamento do homem a fim dele se adequar a uma normatividade existente numa determinada cultura perpetuando práticas grupais, dessa forma “o sujeito, em função dessas contingências, tende a se adequar às regras de seu grupo” (PEREIRA, 2013, p. 40). Elas refinam o repertório comportamental dos indivíduos proporcionando a eles um “saber como agir/comportar-se” diante de uma situação. No entanto, elas se tornam problemáticas à medida que o sujeito não consegue sair do controle da regra e ampliar seu comportamento quando uma contingência exigir. Dessa forma, é necessário construir um ambiente em que as pessoas se tornem sensíveis às contingências que operam no momento, ao mesmo tempo de reforçar, nos momentos oportunos, o comportamento de seguir regras.

2.3 Análise funcional do comportamento.

Como mencionado ao longo deste capítulo, Skinner entende que o comportamento humano ocorre a partir da interação entre o sujeito e o ambiente, sendo possível analisar essa interação através do que Baum (1999) chama de análise funcional do comportamento ou análise de contingências. Moreira e Medeiros (2014) mencionam que essa é a principal ferramenta do analista do comportamento, sendo através das análises funcionais que o profissional identifica a funcionalidade de um comportamento, relacionando a resposta que o sujeito emite com a consequência dada pelo ambiente em que ela ocorre.

Para a Análise do Comportamento todo comportamento apresenta uma função. Matos (1999) discorre que essa função tem um valor adaptativo para o sujeito que busca sobreviver no ambiente de alguma forma. A autora ainda afirma que as análises funcionais ilustram ao analista do comportamento o porquê de alguns comportamentos ocorrerem e se manterem no ambiente e nas interações a partir da relação que o sujeito tem com o ambiente, como mencionado por Skinner anteriormente. Com isso, entende-se que

Uma análise funcional nada mais é do que uma 'explicação' de um evento pela descrição de suas relações com outros eventos. 'Explicamos' as mudanças que ocorrem com o comportamento [...] descrevendo como essas mudanças ocorrem ou não, a depender de certas condições do ambiente. Uma análise funcional completa (observação-suposição-verificação) produz uma [relação] funcional [entre o organismo e o ambiente em que ele está inserido] (MATOS, 1999, p. 13).

Para a explicação do comportamento e dessa relação funcional que é estabelecida com o ambiente, mencionada pela autora na citação, considera-se os níveis do modelo de seleção por consequências que elucidarão as variações ou não e as seleções ou não, que mostrarão a relação funcional estabelecida (MOREIRA, MEDEIROS, 2014). Para explicar o comportamento e sua relação funcional com o ambiente é necessário evidenciar as consequências, pois são elas que determinam a probabilidade futura de um comportamento ocorrer ou não, além de sua instalação e manutenção no ambiente, e o contexto que oferecem estímulos discriminativos para que a pessoa se comporte de determinada forma.

Para melhor ilustração, a imagem a seguir evidencia um exemplo de análise funcional.

Figura 1 - Paradigma operante.

Paradigma operante				
S^A	—	R	→	S^C
Ocasião	para emissão	de uma resposta	que produz	uma consequência
Vitória do Flamengo	ocasião para	pedir o carro emprestado	que produz	empréstimo do carro

Fonte: Moreira e Medeiros (2018, p. 197)

A imagem acima analisa a resposta (R) de uma pessoa em pedir o carro emprestado e ser conseqüenciada (C) de forma reforçadora por conseguir o carro emprestado, tudo isso ocorrendo no contexto (Sa) da vitória do Flamengo. Na análise funcional “[...] uma vez que encontremos os determinantes do comportamento, [consequências] podemos predizê-lo (prever a sua ocorrência) e controlá-lo (aumentar ou diminuir deliberadamente sua probabilidade de ocorrência)” (MOREIRA, MEDEIROS, 2018, p.197). Dessa forma, as consequências do comportamento possibilitam dados para identificar qual(is) variável(is) está(ão) controlando o comportamento do qual está sendo função.

As análises funcionais ainda permitem identificar variáveis que instalam novos comportamentos no repertório do sujeito e que corroboram em sua manutenção, servindo assim para intervenções do analista do comportamento no comportamento analisado (MATOS, 1999).

2.3.1 Análises funcionais moleculares e molares.

Como comentado acima, as análises funcionais são um procedimento para coleta e análise de dados com a finalidade de compreender um determinado comportamento. No entanto, não existe um consenso de um padrão de estrutura para se apresentar a análise funcional, existindo diferentes modelos de organização dos dados, mas com a mesma função de buscar a relação funcional entre o comportamento e o ambiente. Para esta pesquisa, o modelo adotado será o das autoras Lorena Bezerra Nery e Flávia Nunes Fonseca (2018) que compreendem as análises funcionais em duas perspectivas: moleculares e molares.

As análises funcionais moleculares são caracterizadas como “microanálises” que buscam analisar uma resposta específica do sujeito para, a partir dela, identificar possíveis padrões de comportamentos que o sujeito venha a ter em seu repertório, servindo também como ponto de partida para a construção das análises molares (NERY; FONSECA, 2018). Por considerarem uma resposta específica dentro de um contexto específico, as análises funcionais moleculares analisam o comportamento a partir da tríplice contingência ($S^a: R \rightarrow C$). À vista disso, as autoras elencam passos visando facilitar a construção das análises

moleculares.

1º Passo: Identificar a resposta [...] [ponderando] escolher respostas relevantes ao caso, considerando a queixa do cliente, as demandas identificadas pelo terapeuta e os objetivos terapêuticos; [...] Evitar respostas negativas, [...] não é possível analisar “não comportamentos”, de modo que é importante trabalhar com o que o cliente faz e não com o que ele deixa de fazer; Evitar respostas que não estão sob controle operante.

2º Passo: Identificar antecedentes, ocasião na qual o comportamento ocorre. Dividem-se basicamente em duas categorias: estímulos discriminativos (SDs) e operações estabelecedoras (OEs).

3º Passo: Identificar consequências.

4º Passo: Identificar processos. Para cada consequência, deve-se especificar qual é a contingência envolvida a partir da relação entre a resposta e a consequência produzida, ou seja, se o processo caracteriza contingência de reforçamento positivo (R+), reforçamento negativo (R-), punição positiva (P+), punição negativa (P-) ou extinção.

5º Passo: Identificar possíveis efeitos, [que] são subprodutos de contingências operantes [...] [Reações] emocionais sentimentos, sensações e emoções produzidas pelo contato com as consequências. (NERY, FONSECA, 2018, p. 6-7)

Os dados obtidos através dos passos ajudam numa rica construção da tríplice contingência que explicará o porquê das pessoas se comportarem de determinada forma. Para ilustrar ainda mais, as imagens a seguir trazem análises funcionais moleculares de uma determinada situação hipotética trazida nos estudos de Nery e Fonseca.

Figura 2 - 1º exemplo de análise funcional molecular.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos	Efeitos
Problemas/conflitos nos relacionamentos interpessoais	Conversar, aproximar-se, expressar sentimentos e opiniões	Críticas/represálias	P+	Tristeza
		Os problemas continuam	P+	Insegurança
		Pouco interesse e pouca atenção das pessoas	Extinção	Sensação de impotência

P+, punição positiva.

Fonte: de Farias, Nery e Fonseca (2018, p. 09)

Figura 3 - 2º exemplo de análise funcional molecular.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos	Efeitos
Conflitos no relacionamento amoroso Presença do namorado	Patrícia conversa com o namorado sobre o que a incomoda	Ele muda de assunto, diz que prefere deixar as coisas acontecerem	Extinção	Tristeza, frustração, insegurança.
		Repetição de problemas ou ocorrência de novos problemas no relacionamento	P+	

P+, punição positiva.

Fonte: de Farias, Nery e Fonseca (2018, p. 09)

A primeira figura ilustra a operacionalização da queixa da cliente Patrícia, onde seu comportamento de conversar, aproximar-se, expressar sentimentos e opiniões (Resposta) são consequenciados por estímulos aversivos (críticas, desinteresse das pessoas) uma vez que o processo envolvido na contingência é o de punição positiva. Na segunda figura evidencia-se o contexto em que Patrícia se comportou ao se posicionar e ir conversar com seu namorado sobre a relação, porém mais vez seu comportamento foi consequenciado por estímulos aversivos (namorado muda de assunto, problemas se mantêm e ainda surgem novos). Ressalta-se que nos dois exemplos Patrícia apresentou sentimentos negativos (tristeza, insegurança, frustração).

É a partir dessas pequenas análises funcionais de situações pontuais que o analista do comportamento busca identificar padrões de comportamento no repertório do sujeito. “A proposta da análise molar é integrar os repertórios atuais e suas variáveis mantenedoras aos aspectos históricos que provavelmente contribuíram para a instalação/aquisição dos padrões comportamentais do cliente” (NERY, FONSECA, 2018, p.17).

Assim como nas análises funcionais moleculares, as autoras também estabelecem passos para a construção da análise funcional molar. O primeiro passo a considerar é a identificação do padrão comportamental que compreende uma resposta ou uma classe de resposta que aparecem em alta frequência no repertório do sujeito e que possuem a mesma função. O segundo passo seria identificar o histórico de aquisição, onde o analista do comportamento busca explorar contextos (familiar, acadêmico, profissional, relacionamentos) onde variáveis influenciaram na instalação do comportamento atual; No terceiro passo busca-se identificar contextos atuais mantenedores, ou seja, contingências que operam atualmente na vida do

sujeito que reforçam seu padrão comportamental, mantendo-o no ambiente; Por fim, no quarto passo o analista buscará identificar consequências que fortalecem o padrão e consequências que enfraquecem o padrão comportamental do indivíduo analisado (NERY, FONSECA, 2018). A seguir tem-se um exemplo da análise funcional molar do comportamento de Patrícia.

Figura 4 - Exemplo de análise funcional molar.

Padrão: Autoexigência/Perfeccionismo

Comportamentos que caracterizam	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências que enfraquecem o padrão
<ul style="list-style-type: none"> • Faz e refaz várias vezes seus trabalhos • Nunca os avalia como suficientemente bons • Dificuldade de lidar com erros • Preocupa-se muito com o que qualquer pessoa pensa sobre ela • Fala só o necessário em situações sociais • Assume diversos compromissos ao mesmo tempo • Regra: "Faço tudo bem feito ou é melhor nem fazer" • Assume mais responsabilidades do que os colegas nos trabalhos em grupo • Dificuldade de pedir ajuda 	<ul style="list-style-type: none"> • Pais exigentes • Atenção dos pais condicionada a bom desempenho • Comparações constantes com outras pessoas • Neta mais velha da família => Deveria ser "modelo" • Mãe muito preocupada com o que os outros pensam (modelo) • Criação em cidade do interior, em que todos comentavam sobre as vidas uns dos outros • Comparações constantes com outras pessoas • Histórico de dificuldades financeiras na família 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente acadêmico muito exigente e competitivo • Ambiente de trabalho exigente e competitivo • Namorado muito bem-sucedido na mesma área que ela • Muitas expectativas familiares sobre o desempenho dela • Círculo social restrito e composto por pessoas intelectualizadas e com condição socioeconômica superior 	<ul style="list-style-type: none"> • Bom desempenho e boas notas • Reconhecimento social e profissional • Oportunidades de crescimento no trabalho • Evita críticas e julgamentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrecarga e somatizações • Pouco tempo para lazer • Poucas relações de intimidade • Colegas de faculdade se "encostam" nela • Desgaste nos relacionamentos (faz muito pelos outros e cobra muito em troca)

Fonte: de Farias, Nery e Fonseca (2018, p. 20)

Com a identificação do padrão comportamental, a partir das análises funcionais, é possível observar déficits ou excessos nos comportamentos do cliente, obtendo assim o analista do comportamento traçar objetivos e intervenções mais adequadas a cada caso clínico (NERY, FONSECA, 2018).

3. RELAÇÕES AMOROSAS

Os relacionamentos amorosos têm passado por diversas mudanças ao longo das décadas, sendo perceptível as diversas configurações existentes no momento atual no que diz respeito ao modo de relacionar-se romanticamente com uma pessoa. Outrora, por exemplo, os casamentos eram tidos como uma obrigação na sociedade e ocorriam de forma arranjada, semelhante a um acordo que beneficiava algumas das partes envolvidas (geralmente o pai da moça e o rapaz com quem ela casaria); Com o passar do tempo os relacionamentos foram evoluindo e as pessoas, principalmente as mulheres, passaram a ter mais autonomia na escolha do (a) parceiro (a), mas ainda assim dentro das exigências estabelecidas tanto pela sociedade quanto pela família (LOURENÇO, ALMEIDA, 2013).

De todo modo, é possível observar que os sujeitos ao iniciarem uma relação tendem a se comportar de diversas formas nesse processo, tornando possível identificar um certo “curso” em relação a apaixonar-se/envolver-se romanticamente (ALMEIDA, 2013). A priori esse curso pode ser definido a partir de duas perspectivas: paixão e amor. Almeida (2013) salienta que existe inicialmente a paixão, configurando-se como algo transitório, com a possibilidade de evoluir para algo mais duradouro. O autor caracteriza que nessa fase as pessoas tendem a relevar os defeitos e potencializar as qualidades, os comportamentos respondentes costumam ser mais presentes (taquicardia, sudorese, etc.) e o querer estar junto é potencializado tendo em vista que os membros do casal “precisam ficar juntos para se conhecerem, amarem-se” (p.108). Na fase do amor, Almeida (2013) destaca a presença de uma maior intimidade afetiva, onde o casal se comporta priorizando o “nós” da relação, eles “acabam atuando como uma equipe em sinergia para o bem em comum” (p.116).

No entanto, as autoras Zordan e Strey (2010) entendem que no atual contexto moderno, habitualmente “os relacionamentos amorosos [...] poderiam ser caracterizados pela [...] menor durabilidade das uniões, menor tolerância aos conflitos, menos paciência e mais imediatismo” (p.56). Tal afirmação fica ainda mais evidente no trabalho de Bauman (2004) onde o autor destaca que os indivíduos vivenciam “*amores líquidos*” por estarem mais preocupados em apenas ter uma relação do que construir um zelo, diálogo e uma diligência nos relacionamentos. O

autor ainda menciona que as pessoas estão cada vez mais imediatistas e sem uma genuína preocupação em estabelecer vínculos duradouros.

A título de exemplo do parágrafo anterior, pode-se citar as mídias sociais digitais como uma ferramenta de comunicação que possibilita mais uma forma de se instituir relações. Se antes a internet era vista quase que com um único propósito (pesquisa, informações, etc.), hoje ela proporciona encontros e desencontros com o outro (HINTZI *et.al* 2014). É nessa perspectiva que “os aplicativos de relacionamento surgem, proporcionando aos sujeitos que, a partir de seus celulares, se conheçam e se relacionem de diversas maneiras com outras pessoas” (ACSELRAD, BARBOSA, 2017, p. 172)

A saber, Almeida, Vecchio e Lourenço discorrem que

No início dos anos 70, os jovens estavam norteados pelo lema “sexo, drogas e rock n roll”. [...] [eles] estavam buscando sua “liberdade”, era a época dos hips, época de “paz e amor”. [...] Nos anos 80 também tivemos a eclosão da chamada “Geração Coca-cola”, [...] um período em que o casamento acontece mais tarde e os casais esperam mais para ter o primeiro filho e mesmo o número de filhos se torna menor comparativamente a épocas anteriores. [Já] na primeira década do século XXI, o comportamento do jovem radicalmente mudou em vista do século passado. Marcantemente, a sociedade contemporânea ocidental possui uma importante característica: o individualismo. [...] Percebe-se que essas mudanças se tornaram cada vez mais visíveis, influenciadas que foram pelos aspectos culturais, sociais e históricos, [...] [além de ter tornar mais fácil] entender a dinâmica de relacionamentos de cada geração. (ALMEIDA, VECCHIO, LOURENÇO, 2015, p.74, 77,87)

A citação acima reflete como os resultados das convenções sociais e culturais colaboraram na construção de uma pluralidade nas relações amorosas. Essa disparidade nos relacionamentos românticos pode ser identificados quando se observam casais que se casam e optam por viverem em casas distintas; casais que buscam ter filhos através de adoção, inseminação, etc, ou aqueles que nem optam por ter filhos; casais que dividem as responsabilidades financeiras e domésticas ou aqueles que optam apenas para que um membro seja o provedor (podendo ser tanto a mulher quanto o homem); casais de dupla carreira, etc. (FALCKE, ZORDAN, 2010)

Todavia, por mais que essas novas configurações nas relações amorosas sejam comumente vistas, a crença do amor romântico ainda se mantém bem presente na sociedade (LINS, 2012) sendo caracterizado como “[...] um amor idealizado, [...] eterno, único e inteiramente fiel” (GUEDES, ASSUNÇÃO, 2006,

p.403). Essa ideia do amor romântico pode ser facilmente identificada em discursos do tipo “estou à procura da minha alma gêmea”, “ele/ela é o amor da minha vida”, etc. Tais discursos tendem a ser fortemente influenciados pela cultura através dos meios artísticos, por exemplo, que na maior parte das vezes reforçam a ideia de felicidade e plenitude estar associada a um relacionamento amoroso. Lins (2012, p. 251) destaca que “a partir do século XX, mais do que em qualquer outra época, o amor ganhou importância. As pessoas passaram a acreditar que sem viver um grande amor a vida não tem sentido”.

Nessa perspectiva, tem sido cada vez mais comum a busca por uma pessoa ideal para relacionar-se romanticamente. Em uma pesquisa realizada por Gianfaldoni *et.al.* (2009) foi identificado que as mulheres, para relacionamentos de longo prazo, buscam parceiros com personalidade interessante, que sejam fiéis, inteligentes e que tenham um bom nível educacional, que tenham também devoção ao relacionamento e comprometimento familiar, além de terem uma vida financeira boa. Em relação aos homens, eles apresentam preferências por mulheres jovens, sendo a aparência uma variável de extrema relevância para sua escolha, além de priorizarem investir em relacionamentos de curto prazo ao invés dos longos. Ademais, Ribeiro *et.al.* compreendem que,

Independente da concepção do amor e suas reais ancoragens sociais, as pessoas continuam se unindo, por casamento ou não, com o ideal de uma vida perfeita, em que o “outro”, venha trazer felicidade e segurança [...] [no entanto] culturalmente os homens constroem menos expectativas quanto às relações conjugais, diferentemente das mulheres, que desde crianças sonham com seu príncipe encantado. [...] [de toda forma] a busca do parceiro ideal são processos complexos, multifacetados e que possuem influências socioculturais com algumas peculiaridades quanto ao gênero. (RIBEIRO *et.al.*, 2013, p. 65, 72-73)

Dessa forma, é perceptível, a partir da citação, a tendência das pessoas em projetar expectativas nas relações amorosas convergida a ideia de se obter uma “garantia” de sucesso, realização, felicidade e plenitude em diversas áreas da vida a partir de um relacionamento. Os indivíduos tendem a idealizar uma pessoa perfeita para “viver a vida toda” com base em suas experiências amorosas ou de outrem ou através da ideologia cultural sobre as relações românticas serem quase que uma “obrigação” na vida do sujeito (SILVA, ALMEIDA, 2013).

Tal ponto de vista sobre as relações amorosas pode ainda se tornar

problemático à medida em que as expectativas amorosas não são alcançadas dentro de uma relação. Por exemplo, é comum postagens nas redes sociais ou conversas rotineiras sobre a ideia do “amor da sua vida” e o “amor para a sua vida”. Esse primeiro seria o amor ideal para se ter na vida, mas que por algum motivo não deu certo, já o segundo seria o amor real, que não é perfeito e nem o idealizado, mas que supre a necessidade de uma relação. A problemática em discursos como esses ocorre na medida em que há uma legitimação e reforçamento da necessidade de ter alguém para passar a vida juntos. A ideia do “amor da sua vida” e o “amor para a sua vida” remete a quase que um plano de contingência amoroso em que “se não deu certo com a pessoa ideal, tem-se um substituto”. Nessa perspectiva, os sujeitos passam a se relacionar “não [...] com a pessoa real, que está do lado, e sim com a que se inventa de acordo com as próprias necessidades” (LINS, 2012, p. 142).

Observa-se um verdadeiro “mito [para que] homens e mulheres [...] procuram sua "cara metade" ou "alma gêmea" ou "par perfeito" com quem poderão se satisfazer emocionalmente e sexualmente, sentir-se completo e feliz” (CHAVES, 2003, p.100). De toda forma, por mais que essa idealização dos relacionamentos sejam reforçados culturalmente aos homens e mulheres, percebe-se que o público feminino tende a ficar muito mais sob controle de regras sociais e culturais relacionadas às relações amorosas (RIBEIRO *et.al.*).

No capítulo anterior foi discutido acerca de regras e autorregas além da forte influência do terceiro nível do modelo de seleção por consequências e, em vista dessas discussões, é possível notar que a sociedade culturalmente reforça padrões de comportamentos que tendem a investir nos relacionamentos. Percebe-se ainda que ocorre em maior frequência a incitação voltada principalmente as mulheres, em comparação aos homens, a se comportarem a fim de estar numa relação, podendo isso estar atrelado a uma cultura que possui fortes características machistas, sexistas e patriarcais.

3.1. A presença do sexismo no papel social do homem e da mulher nas relações românticas.

Por muito tempo foram descritas condutas e comportamentos ideais para

que homens e mulheres desempenhassem nas relações amorosas. Negreiros e Carneiro (2014) entendem que “os papéis [destinados ao] masculino e feminino configurariam tipificações do que seria pertinente ao homem e a mulher num dado contexto” (p. 34), sendo comumente visto uma série de estereótipos sobre o que seria apropriado, vedado, restrito, etc., para o casal adotar na relação.

A exemplo do homem, Del Priore (2006) destaca que é esperado que ele seja um “ganhão”, que aproveite a juventude e se divirta antes de encontrar a “mulher para casar”, existe uma legitimação para a postura viril do homem e espera-se que com o passar dos anos ele se torne a figura de maior autoridade da família, que seja o provedor, que exerça o poder de decisão e etc. Já para as mulheres, a autora entende que é esperado que elas sejam mais recatadas, que esperem o “homem certo” de forma mais contida, não lhe é atribuída tanta liberdade se comprada a liberdade que é posta ao homem. Essas determinações que são exigidas de cada gênero podem ser percebidas ao longo de toda a história onde, geralmente, as mulheres assumem um lugar de protagonistas em contextos de opressões, omissões, inferioridade etc. (ESCOBAR, 2019) o que as tornam mais suscetíveis a se comportarem de acordo com esses contextos coercitivos dentro das relações.

Considerando o parágrafo anterior, soma-se ainda que, por mais que as mulheres “venham deixando de ser vista à sombra dos homens e vem adquirindo direitos que, durante muito tempo, foram assegurados apenas aos homens” (DIOTTO e SOUTO, p.3), ainda existe uma grande negligência a essa classe. Percebe-se que mesmo após tantas conquistas femininas, o valor atribuído ao homem e à mulher são atemporais e a discriminação feita às mulheres não se dá como antigamente. Hoje o discurso carrega um novo formato. Ferreira (2004) destaca que nos dias atuais existe uma maior sutileza nos discursos sexistas, se antes frases como: “o homem que manda na mulher”, “mulher não serve para isso”, “os homens são melhores” e etc, eram vistas diariamente, hoje a forma de diminuir as mulheres é mais velada. O autor ainda menciona que atualmente é comumente visto piadas “sem maldade” direcionadas às mulheres ou os comentários ditos em forma de “carinho” ou “cuidado”, mas no final apresentam a mesma função: reduzir o valor da mulher.

Em vista disso,

O construto sexismo vai além da definição tradicional de preconceito como antipatia ou hostilidade a membros de certos grupos sociais [...]. Seria como se esse tipo de preconceito pudesse ser comparado a um iceberg, em que a maior parte fica encoberta sendo visível apenas sua ponta. (FILHO, EUFRASIO, BATISTA, 2011, p.556)

Tal afirmação elucida o fato das pessoas estarem tão sob controle de falas, atitudes e comportamentos extremamente hostis e pejorativos que acabam desconsiderando aspectos sutis que diminuem a figura feminina. É muito mais criticada a forma exposta de discriminação a mulheres em detrimento a forma velada do sexismo e isso faz com que a parte encoberta do iceberg mencionada pelos autores esteja relacionada as nuances dos discursos sexistas de forma ‘romântica’, o que faz com que sua perpetuação seja ainda mais reproduzida, uma vez que nem sempre é possível discriminar esses comportamentos de função hostil.

Para isso, Ferreira elucida duas formas de sexismo presente na sociedade onde,

O sexismo antigo define-se pelo endosso a papéis de gênero tradicionais, tratamento diferencial entre mulheres e homens e estereótipos sobre a menor competência feminina. O sexismo moderno associa-se à negação de que a discriminação contra a mulher ainda exista e a um antagonismo contra as atuais lutas da mulher por maior inserção na sociedade e contra o suporte governamental a políticas destinadas a apoiar a população feminina. O sexismo moderno baseia-se também em sentimentos negativos sobre as mulheres, muito embora eles sejam mais encobertos e relacionados a práticas mais contemporâneas. (FERREIRA, 2004, p. 121)

De forma ainda mais concisa, a autora diferencia o

[...] sexismo hostil e sexismo benevolente como [sendo] a primeira manifestando-se através de grande antipatia contra a mulher e, a segunda, por meio de sentimentos e condutas positivas em relação a mulher (como, por exemplo, a afirmação de que “o homem não pode viver sem a mulher”). (FERREIRA, 2004, p. 121)

Essa forma de sexismo “distorcido” que ocorre na atualidade tende a ser mais arriscado do que o sexismo tradicional (presença de variáveis mais aversivas), uma vez que o sexismo hostil é facilmente reconhecido. Em contrapartida, o sexismo benevolente, por sua linguagem mais acessível e sedutora, torna-se aceitável na sociedade e quase nunca é reconhecido como tal, o que acaba reforçando uma legitimação desses padrões de comportamentos preconceituosos direcionados às mulheres (FILHO, EUFRASIO, BATISTA, 2011).

Nas relações amorosas, Ferreira (2004) traz alguns exemplos de sexismo benevolente que são legitimados na sociedade tal como: “As mulheres devem ser amadas e protegidas pelos homens”, “Todo homem deve ter uma mulher que ele adore”, “Uma boa mulher deve ser colocada num pedestal pelo seu homem”, “O homem deve estar disposto a fazer sacrifícios para satisfazer as necessidades financeiras de sua mulher”, etc. Esses discursos tendem a ser reforçados nas relações por apresentarem um aspecto de proteção, amor e cuidado onde, em tese, esses comportamentos partem do homem para a mulher. No entanto, falas como essas podem instalar e reforçar regras nos relacionamentos favorecendo um ambiente coercitivo.

Em síntese, fica evidente que a sutileza do discurso sexista sobre a mulher favorece que essa reprodução seja validada na sociedade. Homens e mulheres tendem a romantizar comportamentos, falas e atitudes que no final tem a função de minimizar a figura feminina dentro de um determinado contexto e diante de determinada pessoa. Em vista disso, nos próximos capítulos será analisado o comportamento do protagonista do filme em emitir regras sexistas nas relações amorosas juntamente com uma análise do contexto reforçador em que ele está inserido.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa se configura como um estudo documental, de natureza básica, de objetivo exploratório-descritivo e com uma abordagem qualitativa.

A pesquisa básica busca fornecer dados sustentáveis com a finalidade de gerar conhecimento para a ciência através de estudos, experimentos e análises, ela formula bases que podem ser vistas como ponto de partida para novos estudos (PRODANOV, FREITAS, 2013). Esse tipo de pesquisa não visa a aplicação do que se foi descoberto para resolução de uma problemática, características como essas dizem respeito a pesquisas de natureza aplicada.

A pesquisa tem o objetivo de ser exploratória, visto que sua finalidade busca levantar informações necessárias acerca dos discursos misóginos e sua influência para o desenvolvimento de possíveis regras nas relações românticas, além de explorar variáveis que permeiam o assunto. Explorar o assunto dessa forma Permite a criação de hipótese que justifique tais comportamentos, a pesquisa de cunho exploratória busca trazer uma familiaridade com o problema de prática e direta (PRODANOV, FREITAS, 2013). Ademais, ela possui ainda o objetivo de ser descritiva, uma vez que um dos seus pontos de partida é buscar características de um fenômeno ou população de forma padronizada, existem requisitos para que as características sejam normatizadas (PRODANOV, FREITAS, 2013). Em virtude disso, a presente pesquisa busca observar padrões em comportamentos que serão observados, utilizados o mesmo princípio de análise para cada situação. Além de descrever a relação dos discursos sexistas e sua relação com a formulação de regras que possuem um cunho aversivo a figura feminina.

A presente pesquisa utilizou o procedimento de pesquisa bibliográfica baseado em estudos já realizados sobre a temática que se deseja analisar (PRODANOV, FREITAS, 2013). Em vista disso, realizou buscas em materiais já produzidos que retratam a questão de gênero, as relações amorosas, as transformações dos relacionamentos ao longo dos anos, o lugar da mulher nas relações e os discursos machistas/misóginos. Também foi utilizado o procedimento de pesquisa documental pois permite a utilização de um ou mais material para ser analisado de forma "inédita" (PRODANOV, FREITAS, 2013). Por mais que existam

estudos analisando um objeto específico, a forma como é abordada se dá de forma diferente, os materiais podem variar de um elaborado laudo médico a um filme, série, música e etc. A presente pesquisa buscou analisar o filme “A verdade nua e crua” com o objetivo de trazer uma análise dinâmica sobre o assunto.

Os dados aqui apresentados foram coletados por meio de literatura já disponível e recortes de cenas do filme “A verdade nua e crua”. Os métodos utilizados na coleta de dados, ou seja, os instrumentais que possibilitaram a obtenção de dados (PRODANOV, FREITAS, 2013) foram a observação direta e a leitura de materiais. Ademais, os dados foram analisados a partir da Teoria Analítico-Comportamental, analisando conceitos como regras, autorregras, gênero, terceiro nível (cultural) de seleção por consequências, comportamento operante etc. de forma lógica e direta, referenciando tais conceitos ao filme analisado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Assim que ocorre a primeira aparição do protagonista do filme *A verdade nua e crua*, percebe-se a influência dos discursos sexistas nas relações amorosas. Mike Chadway (Gerard Butler), é um apresentador de programa que aborda a temática dos relacionamentos românticos de forma livre e “sem tabus”. Mike se configura como uma espécie de conselheiro amoroso, tendo em seu repertório falas machistas e sexistas que acabam se tornando estímulos discriminativos para controlar o comportamento das pessoas nas relações. Após ter uma grande audiência em seu programa, Mike é convidado para ser comentarista de uma emissora de noticiários no qual seguirá falando sobre relacionamentos a partir do quadro “A verdade nua e crua”.

Na primeira aparição do programa de Mike já se percebe a alta frequência de regras sexistas, reproduzidas pelo protagonista, que caracterizam estereótipos de comportamentos que mulheres e homens deveriam emitir dentro de uma relação. Mike encontra um contexto totalmente reforçador que mantém esse discurso coercitivo e estimula as pessoas a segui-lo. Em vista disso, a partir das análises funcionais (AF) que serão feitas ao longo deste capítulo será possível visualizar as contingências reforçadoras em que Mike está inserido que o fazem emitir comportamentos verbais sexistas ao longo de todo filme.

Tabela 1 - Análise Funcional Molecular 1

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
Exibição do programa “A verdade nua e crua”; Tema “O que homens e mulheres querem das relações”.	Mike fala para as espectadoras mulheres que homens só se importam com a aparência.	Telefonema da 1ª espectadora que argumenta com Mike, mas acaba cedendo ao posicionamento do apresentador. Telefonema da 2ª espectadora (Abby) que confronta Mike.	R+ P+
Telefonema da 2ª espectadora (Abby) que confronta Mik; Abby descreve características de seu cara ideal.	Mike propõe que Abby leve o cara ideal para que ele possa conhecê-lo	Abby afirma que não namora ninguém e que estava apenas descrevendo um tipo.	R+

Abby afirma que não namora ninguém e que estava apenas descrevendo um tipo.	Mike chama Abby de feia e por isso ela ficará sozinha	Abby gagueja na ligação e fica sem argumentos. A fala de Mike proporcionou aumento na audiência do programa.	R- R+
---	---	--	----------

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

A cena analisada retrata as regras sexistas emitidas por Mike sendo destinadas às mulheres. Para ele o que importa num relacionamento é a aparência e sem isso as mulheres correm o grande risco de ficarem sozinhas e estarem “destinadas” à solidão. Vale destacar que o critério de “beleza”, retratada nas falas de Mike, é culturalmente reforçado como uma das principais variáveis na hora da escolha da parceira (o), sendo ainda mais disseminada ao homem essa ideologia de considerar um “padrão estético aceitável” da pessoa com que se deseja relacionar como foi mencionado por (SCHLOSSER, CAMARGO, TEIXEIRA, 2015).

Percebe-se que a partir da análise funcional foi possível identificar que em todas as vezes que Mike emitiu regras sexistas seu comportamento foi reforçado pelo ambiente de forma positiva (maior audiência no programa) e de forma negativa (mulheres cedem ao seu argumento, deixando de confrontá-lo) reafirmando o que a autora Nicolodi afirma sobre a sociedade distribuir reforços diferentes a homens e mulheres. Vale destacar que as mulheres que interagiram com Mike nessa situação confrontaram-no, ou seja, elas tinham ideias divergentes do protagonista, que acabavam cedendo ao posicionamento dele. Tal concessão pode ocorrer como um possível subproduto de contingências de punição positiva, uma vez que ambas as mulheres apresentaram indícios de vergonha e embaraço (SKINNER, 1974). Com isso, o comportamento de Mike (emissão de regras sexistas) é reforçado positivamente pelo ambiente (mulheres e audiência do programa) e serve como um estímulo discriminativo sinalizador de contingências aversivas e reforçadoras ao mesmo tempo, pois a medida que as mulheres apresentam sentimentos negativos em relação às regras elas também a seguem, como será analisado mais adiante.

Tabela 2 - Análise funcional Molecular 2

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
Entrevista de Mike no noticiário nobre;	Mike argumenta que a apresentadora ter maior	Marido da apresentadora concorda com a fala de	R+

<p>Debate sobre relacionamentos (casamento); - Diferenças salariais entre homens e mulheres.</p>	<p>poder econômico do que o marido acaba interferindo na vida sexual do casal.</p>	<p>Mike e diz se sentir “castrado” Marido diz que a culpa é da mulher por eles não terem relações sexuais.</p>	<p>R+</p>
<p>Marido diz que a culpa é da mulher por eles não terem relações sexuais.</p>	<p>Mike fala à apresentadora que será difícil ela encontrar alguém que a queira por conta de sua idade.</p>	<p>A apresentadora tenta argumentar sobre a questão de sua idade. Marido diz à esposa "Você tem que me deixar ser um homem!" A apresentadora cede e decide ficar com o marido. Aumento na audiência do programa e extensão do quadro apresentado por Mike.</p>	<p>P+</p> <p>R+</p> <p>R-</p> <p>R+</p>

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Por mais que a primeira resposta analisada de Mike não tenha sido conseqüenciada por uma mulher, a apresentadora ficou sob controle da interação e discussão entre seu marido e Mike. Novamente o confronto, mesmo que sutil, entre ideias divergentes ocorre e mais uma vez a mulher cede ao argumento do Mike sobre ser difícil encontrar homens que a queiram por conta da sua “idade avançada”. Skinner (1969) entende que as regras não são feitas para obrigar as pessoas a se comportarem sob controle delas, mas sim de expor contingências onde se um determinado comportamento for emitido, terá determinada conseqüência. Com isso, percebe-se que a fluidez no discurso de Mike, uma vez que ele apresenta convicções nas suas falas por ser amplamente reforçado, faz com que as mulheres fiquem sob controle de sua fala para alcançarem o objetivo (conseqüência) final de ter um relacionamento, reforçando assim novamente o padrão emissão de regras sexistas de Mike para as relações amorosas. Infere-se que essas concessões femininas estejam sob controle também do que os autores Almeida (2013), Del Priori (2006) e Lins (2012) falam sobre as expectativas das mulheres no amor romântico e as expectativas criadas pelo ambiente (sociedade, etc.) em cima da mulher para que ela se “adeque” à relação.

Ainda sobre a AF, por conta da entrevista com o casal de apresentadores ter sido um sucesso, Mike ganha mais visibilidade no noticiário e,

consequentemente, tem um tempo maior para o quadro “A verdade nua e crua”, onde ele se deleita em discursos que enaltecem o gênero masculino e poem o feminino em situações de subalternidade. Tal exposição de Mike acaba incomodando Abby, produtora do noticiário, que acha as falas do protagonista machistas e sexistas, mas que acaba cedendo e reforçando os comportamentos de Mike com o passar do tempo.

Tabela 3 - Análise Funcional Molecular 3

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
Reunião no noticiário para a apresentação de Mike à equipe; Pessoas da equipe perguntam quem é Mike; Abby se refere a Mike como um “misógino idiota que representa tudo de errado na televisão e na sociedade”.	Mike entra na sala de reunião fazendo piadas machistas.	Chefe do noticiário começa a rir e faz pergunta retórica sobre Mike → “ele não é demais”? Abby questiona sobre a contratação de Mike	R+ P +
Abby questiona sobre a contratação de Mike	Mike pergunta “Quem é essa coisa gostosa aí?” se referindo a Abby	Abby responde a pergunta de Mike dizendo ser sua produtora - Abby demonstra estar ofendida.	P+ P+
Abby responde a pergunta de Mike dizendo ser sua produtora.	Mike cumprimenta Abby e responde “Eu adoro uma mulher por cima”.	Chefe começa a rir do comentário de Mike e tenta suavizar dizendo que é “brincadeira”	R+

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Por mais que Abby se sinta incomodada com o comportamento de Mike e exponha isso ao longo da interação entre eles, Mike não fica sob controle das consequências aversivas apresentadas por Abby, ademais, Mike sempre recebe risos, concordâncias e concessões (reforço positivo) quando emite comentários sexistas. Ou seja, a partir das análises funcionais percebe-se que Mike vive em um contexto com alta frequências de contingências reforçadoras para as suas regras

sexistas sobre as relações amorosas.

Nesse contexto, Linhares e Laurenti (2018, p.236) entendem que o reforçamento de comportamentos inadequados acaba por “impedir ou dificultar o estabelecimento de práticas e repertórios comportamentais que contribuem para o enfrentamento e superação desse controle por parte das mulheres”. As autoras ainda refletem que são culturalmente reforçados comportamentos que privilegiam os homens em comparação às mulheres, o que acaba por fomentar ainda mais a desigualdade entre os gêneros, por exemplo, nos relacionamentos.

Esse repertório empobrecido para enfrentamento pode ser observado a seguir a partir da análise funcional em que Abby cede completamente a regras sexistas sem nenhum contracontrole/argumento prévio à fala de Mike.

Tabela 4 - Análise Funcional Molecular 4

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
<p>Abby conversa com Mike sobre o cara ideal que conheceu.</p> <p>Abby liga para o cara (Colin) durante a conversa com Mike.</p> <p>Abby convida Colin para sair.</p>	<p>Mike desliga a ligação entre Abby e Colin e diz que o rapaz iria dar um fora nela</p>	<p>Abby briga com Mike por ter desligado a ligação</p> <p>Abby fica pensativa e pergunta como Mike pode ter certeza que Colin iria a dispensar</p> <p>Abby cede e escuta o ponto de vista de Mike</p>	<p>P+</p> <p>R+</p> <p>R+</p>
<p>Abby briga com Mike por ter desligado a ligação</p> <p>Abby fica pensativa e pergunta como Mike pode ter certeza que Colin iria a dispensar</p> <p>Abby cede e escuta o ponto de vista de Mike</p>	<p>Mike diz que a ligação de Abby “neurótica, agressiva e descontrolada” acabou com as chances dela.</p>	<p>Abby se defende e diz que não estava desesperada</p> <p>Mas logo em seguida pergunta para Mike se ele achava que ela estava sendo desesperada.</p>	<p>P+</p> <p>R+</p>
<p>Abby se defende e diz que não estava desesperada.</p> <p>Mas logo em seguida pergunta para Mike se ele achava que ela estava sendo desesperada.</p>	<p>Mike faz um acordo com Abby que se ela quiser que dê certo com Colin, ela deverá lhe escutar e fazer tudo que ele disser</p>	<p>Abby pergunta a Mike o que ela deve fazer antes de atender a ligação de Colin.</p> <p>Abby segue os conselhos de Mike.</p>	<p>R+</p> <p>R+</p>

Colin retorna a ligação de Abby.			
Abby pergunta a Mike o que ela deve fazer antes de atender a ligação de Colin Abby segue os conselhos de Mike. Após a ligação com Colin, Abby diz que Mike não sabe sobre “emoções maduras, amor profundo e tolerante”	Mike responde a Abby que sabe sobre “desejo, sedução e manipulação” e garante que se Abby fizer tudo que ele disser, ela ficará com Colin	Abby fica considerando a fala de Mike. Abby aceita a proposta de Mike	R+ R+

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Mais uma vez, Abby segue reforçando os comportamentos inadequados de Mike, colaborando com o padrão sexista do protagonista. Abby pode até não concordar completamente com o discurso de Mike, mas cede a ele tendo em vista as promessas de conseguir a consequência desejada (ficar com Colin). Para Skinner (1969, p.110) as regras “tendem a ser super enfatizadas às custas das respostas modeladas pelas contingências, possivelmente porque elas [...] [regras] são em geral mais facilmente observáveis do que as contingências que especificam”. Nesse sentido, por mais que Abby não seja totalmente a favor do posicionamento de Mike, ela segue as regras por ele impostas tendo em vista o baixo custo de resposta para conseguir vivenciar um relacionamento com Colin. Ou seja, é mais reforçador seguir as regras, pois elas, a partir das falas de Mike, garantem que Abby fique com seu cara ideal.

Tabela 5 - Análise Funcional Molecular 5

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
Abby aceita a proposta de Mike em ajuda-lá a conquistar Colin; Conversa entre Abby e Mike para alinhar "detalhes" do plano	Mike afirma que Abby nunca deve criticar um homem	Atenção de Abby Abby pergunta se isso aplica-se até a críticas construtivas, demonstrando atenção e interesse nas ideias de Mike	R+ R+
Conversa entre Abby e		Abby questiona qual o	P +

<p>Mike para alinhar "detalhes" do plano</p> <p>Atenção de Abby</p> <p>Mike e Abby vão às compras juntos.</p>	<p>Mike diz a Abby que "homens são atraídos pelo visual" e que ela precisa mudar o seu</p>	<p>problema com suas roupas, considerando as ideias de Mike;</p> <p>Vendedora da loja concorda com Mike e flerta com ele.</p> <p>Abby cede aos argumentos de Mike.</p>	<p>R+</p> <p>R+</p>
<p>Conversa entre Abby e Mike para alinhar "detalhes" do plano</p> <p>Abby cede aos argumentos de Mike</p>	<p>Mike fala para Abby nunca conversar sobre seus problemas, pois os homens não se importam</p>	<p>Abby afirma que alguns homens se importam em saber dos problemas da parceira;</p> <p>Abby dá atenção a fala de Mike.</p>	<p>P+</p> <p>R+</p>
<p>Abby afirma que alguns homens se importam em saber dos problemas da parceira</p> <p>Abby dá atenção a fala de Mike.</p>	<p>Mike afirma que os homens fingem se importar, mas na verdade eles apenas pensam em sexo</p>	<p>Abby afirma que gosta do fato de Mike supor que todos os homens são pervertidos como ele</p>	<p>R+</p>

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Uma provável justificativa para o Mike ser frequentemente reforçado por Abby pode estar na possibilidade dela se comportar sob controle da possibilidade de vivenciar um amor romântico com um cara que preenche vários critérios do que seria uma pessoa ideal para um relacionamento reafirmando o que foi dito por Lins (2012). Abby até então não estava tendo sucesso em conseguir um relacionamento com Colin, porém, ao seguir as regras descritas por Mike (ex.: "é preciso ter uma boa aparência para que o homem se interesse"/ "homens não gostam de mulheres neurótica, agressiva e descontrolada nas relações"/ "a mulher nunca deve criticar o homem com quem esta se relacionando"/ "homens não se importam com os problemas das mulheres, eles apenas fingem; a verdade é eles apenas pensam em sexo") obtém a consequência reforçadora de se relacionar com o Colin.

Por mais que Abby tenha demonstrado em alguns momentos subprodutos de contingências punitivas, ela também mantém esse comportamento de reforçar a emissão de regras por Mike porque ela mesma obtém reforçadores ao se comportar nos contextos descritos por ele. Baum (2000) menciona que ao seguir regras o sujeito entra em contato com duas contingências classificadas como "última" e "próxima". O autor menciona que a primeira diz respeito a consequência a longo prazo (no caso de Abby, conseguir ficar com Colin), já a segunda se refere a

consequência de curto prazo (no caso de Abby, Mike continuar lhe aconselhando sobre como deve se comportar para conseguir ficar com Colin). Com isso, Abby acaba favorecendo contingências de reforçamento que ajudam a manter as regras sexistas do protagonista.

Prosseguindo com as análises funcionais sobre o padrão de regras sexistas de Mike, Skinner (1969, p. 118) entende que “extraímos regras das contingências de reforço, ou quando tenhamos sido expostos a elas ou quando tivermos tido a oportunidade de estudar os sistemas que as arranjam”, dessa forma, para Mike apresenta um repertório de habilidades e comportamentos em função de acontecimentos na sua história de vida como será ilustrado na análise a seguir.

Tabela 6 - Análise Funcional Molecular 6

Antecedente	Resposta	Consequência	Processo
Entrevista de Mike em um programa de TV conceituado; Conversa sobre conselhos amorosos; Pergunta do apresentador sobre a mulher que arrasou o coração de Mike.	Mike responde “melhor uma ordinária do que uma extraordinária”	Plateia sorri e aplaudem a fala de Mike	R+
Abby e Mike comemoram a entrevista no protagonista; Abby pergunta sobre a mulher que “partiu” o coração de Mike	Mike diz a Abby que foi mais de uma garota (controladoras, infiéis, deprimidas, narcisistas, etc.)	Atenção de Abby e fluidez na conversa	R+
Atenção de Abby e fluidez na conversa;	Mike afirma ser preciso muitos relacionamentos ruins antes de descobrir que nenhum é bom.	Abby questiona a veracidade dessa opinião	P+
Abby questiona a veracidade dessa opinião	Mike diz acreditar fielmente, reafirmando a autorregra	Abby sorri e ambos mudam de assunto.	R+ R-

Fonte: Elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Nota-se que Mike foi reforçado em diversas situações após a emissão de regras sexistas. As consequências reforçadoras presentes nos contextos em que

Mike se comportava acabaram aumentando a frequência de uma resposta ou uma classe de respostas, contribuindo, assim, para o fortalecimento e manutenção dos comportamentos do protagonista (SKINNER, 2003). Quando um homem se comporta a partir do que é esperado para ele, é comum que reforços sociais como admiração, atenção e aprovação sejam liberados contingentes às respostas emitidas (LINHARES, LAURENTI, 2018), sendo perceptível essa liberação de reforço no filme na medida em que Mike recebe elogios, risadas, proposta de emprego, aumento na audiência do programa, etc., ao expor suas regras sexistas nas relações amorosas. As análises apresentadas na tabela 6 parecem dar indícios sobre o surgimento das regras emitidas por Mike. Ao viver relacionamentos com desfechos provavelmente aversivos, ele parece ter elaborado descrições que favorecem a construção de relacionamentos amorosos a partir de características e comportamentos das parceiras que sinalizem maior probabilidade de reforçamento e menor probabilidade de punição.

Até o momento, as análises funcionais moleculares oportunizaram trazer recortes de situações específicas onde Mike era reforçado por suas falas sexistas nos ambientes em que se comportava. Tal análise subsidia dados para a construção de uma análise funcional molar sobre o possível padrão de Mike a partir da emissão de suas regras sexistas.

Tabela 7 - Análise funcional molar do padrão comportamental sexista de Mike.

Padrão: Criticidade Sexista

Comportamentos característicos	História de aquisição	Contextos mantenedores	Variáveis que fortalecem o padrão	Variáveis que enfraquecem o padrão
<ul style="list-style-type: none"> - Emitir regras para que as mulheres sigam e tenham um relacionamento. - Usar palavras ofensivas. - Julgar que são as mulheres que devem se encaixar nos padrões de "exigências" no 	<ul style="list-style-type: none"> - Envolvimento fracassado com vários tipos de mulheres ao longo da vida (controladoras, infiéis, deprimidas, narcisistas, etc.) - Decepção amorosa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes de trabalho que retratam temáticas dos relacionamentos amorosos. - Equipe de trabalho machista e sexista. - Expectativas das pessoas pelos conselhos amorosos de 	<ul style="list-style-type: none"> - Propostas de emprego - Aumento na audiência do programa - Risos e concordâncias das pessoas quando Mike emite regras sexistas. - Abby cede aos 	<ul style="list-style-type: none"> - Brigas com Abby por conta de seus comportamentos. - Envolvimento de Abby com Colin. - Abby não recorre mais a Mike para obter mais conselhos (regras) - Poucas relações

<p>relacionamento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Considerar suas próprias opiniões como superior a dos outros. - Intimidar as pessoas, geralmente mulheres, com seus argumentos sexistas 		<p>Mike.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acordo com Abby. - Seguimento de regras das pessoas. 	<p>conselhos de Mike</p> <ul style="list-style-type: none"> - Maior interação com Abby a partir dos conselhos que ele dá a ela. 	<p>de intimidade</p>
---	--	--	--	----------------------

Fonte: elaborada pela autora com base em de Farias, Nery e Fonseca (2018).

Marques e Fraguas (2021) compreendem que o padrão de criticidade envolve classes de respostas como julgar, analisar, avaliar, etc., fazendo relações contingentes à realidade. Os autores ainda mencionam que é preciso a existência de critérios para que a crítica não se torne apenas um argumento comum baseado em experiências vividas pelo sujeito. Tal posicionamento não deve ocorrer com “arrogância, ao contrário, devem apresentar uma determinada visão, uma leitura possível não meramente pautada na subjetividade” (p.3).

Levando em consideração o que foi exposto no parágrafo anterior e nas análises funcionais moleculares, percebe-se que Mike possui um padrão de criticidade sexista convergido a um senso comum baseado em experiências que o protagonista teve. Mike emite regras com um tom soberbo e com uma postura de “deter todo o conhecimento sobre a temática”, além de assumir que as regras se configuram como imutáveis a aplicáveis em qualquer contexto referente às relações amorosas. Seu padrão de criticidade parte de sua história de contingências, encontrando principalmente em Abby a oportunidade de ser reforçado por esses argumentos críticos embasados em suas próprias vivências.

O filme mostra o típico clichê das comédias românticas ao evidenciar a redenção do homem a um relacionamento que, a priori, estava fora de cogitação. Essa influência do nível cultural só serve para reforçar ainda mais a classe de respostas que envolvem estereótipos esperados nas relações, como apontado por Almeida (2013) e Del Priori (2006). É possível uma reflexão crítica, a partir da obra, sobre a manutenção e o poder das regras sexistas nos relacionamentos e como elas estão inseridas em contingências punitivas, tendo em vista que Abby apresenta

sentimentos que são subprodutos de contingências desse tipo. Além disso, o próprio filme analisado nesta pesquisa pode se tornar uma variável para que as pessoas hajam sob controle desse produto em larga escala (filme), uma vez que esse recurso pode servir de modelo para os relacionamentos na vida real. Por exemplo, o Mike usa um discurso que culpabiliza a mulher e a coloca num lugar onde ela deve, majoritariamente, se comportar para ter acesso a reforçadores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar funcionalmente o comportamento de emitir regras sexistas nas relações amorosas do protagonista do filme *A verdade nua e crua*. As análises funcionais moleculares permitiram ilustrações das contingências reforçadoras que corroboram na manutenção do comportamento de Mike. Ao longo das análises funcionais, foi possível observar também que a maior reforçadora do comportamento de Mike na trama foi Abby, uma vez que o seu comportamento de seguir as regras estabelecidas por Mike estava relacionado à promessa de estar num relacionamento amoroso com um cara ideal (Colin).

A partir das análises funcionais moleculares e molar foi possível ainda identificar situações específicas em que as regras de Mike eram reforçadas possibilitando, assim, apontar variáveis que fortalecem o padrão de criticidade do protagonista, bem como apontar variáveis que compõem a história de aquisição desses comportamentos e contextos que colaboram com sua manutenção. Sendo assim, através de tais técnicas da Teoria Analítico-Comportamental, foi possível responder a pergunta problema da pesquisa.

Os resultados e discussões confirmam ainda as hipóteses levantadas referente a pergunta problema. A partir das discussões feitas após as análises funcionais, é perceptível a existência de desigualdade na liberação de reforço entre os gêneros, sendo o homem mais privilegiado por reforços sociais do que as mulheres. Foi observada ainda a existência da valorização sobre os estereótipos do que é esperado para que homens e mulheres assumam dentro das relações, cabendo a mulher seguir tais "padrões ideais". Ademais, por mais que não esteja explícito no filme como o personagem se sente, é possível identificar alguns efeitos como satisfação, entusiasmo, confiança (sub produtos de contingências reforçadoras) e efeitos de vergonha, culpa e embaraço (sub produtos de contingências punitivas) em Mike a partir da emissão de seus comportamentos. Além de tudo, as análises funcionais levantam ainda a hipótese de existir um déficit comportamental das mulheres para o enfrentamento/ posicionamento frente às exigências para o gênero feminino, tendo em vista que Abby cede aos conselhos de Mike, uma vez que ele apresenta um amplo repertório de criticidade sobre os comportamentos ideais que as mulheres devem assumir para conseguir e manter um relacionamento que se

mostra verdadeiro a partir as contingências presentes no filme.

A pesquisa atingiu seu objetivo de expor contingências que explicam a manutenção das regras sexistas de Mike. A partir das análises funcionais foi possível identificar a forte influência de variáveis culturais e sociais, como os sorrisos, validações até concessões, que reforçaram as regras sexistas de Mike. Foi visto também que por mais que as regras envolvem estimulação aversiva das pessoas, elas tendem ainda assim a segui-las em função de uma consequência reforçadora.

Para estudos futuros, essa pesquisa pode servir como base para se pensar em estratégias onde as pessoas fiquem sensíveis às contingências fazendo-as ficarem menos sob controle de regras e até mesmo autorregras que reforçam estereótipos destinados a homens e mulheres nas relações. A pesquisa pode ainda fornecer subsídios para estudos e planejamentos que abordem o desenvolvimento de habilidades comportamentais de enfrentamento diante de regras sexistas, tendo em vista que elas costumam apresentar estímulos aversivos em suas contingências.

Por fim, é importante se aproximar das diversas facetas que envolvem a temática das relações amorosas por ela ser um dos principais temas que aparece na clínica. É necessário contextualizar o significado das relações amorosas para os protagonistas dessa relação e entender que contingências culturais e sociais determinam contingências de relacionamento para o sujeito de diversas formas. Relacionar-se é um comportamento aprendido (operante), sendo comum privilegiar o nível ontogenético nas instalações de comportamentos do que botar mais em evidência o nível cultural, como foi frizado ao longo da pesquisa o fato da comunidade verbal tender a classificar um “certo” e “errado” e manipular reforçadores sociais de aprovação e desaprovação de acordo com o comportamento emitido dentro das relações amorosas.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio; BARBOSA, Rafaelly Rocha Lima. O amor nos tempos do Tinder: Uma análise dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade a partir da compreensão de adultos e jovens adultos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 17, n. ,1 p. 161-180, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451855912010>>

ALMEIDA, Thiago de; VECCHIO, Taisa Cristina Del; LOURENÇO, Maria Luiza. **O desenvolvimento das relações amorosas**: do início do século XX até os dias de hoje. In: ALMEIDA, Thiago de. *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. vol. 3. São Paulo: PoloBooks, 2015.

ANDREY, Maria Amália P. A; O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. In: GUILHARDI, Hélio José; *et.al.* **Sobre comportamento e cognição**. Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. São Paulo: Arbytes, 1997.

A VERDADE NUA E CRUA. [filme]. Direção: Robert Luketic. Produtora: Sony. Estados Unidos: Sony, 2009. Prime Vídeo, STREAMING (96 min).

BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BARROS, Fernanda Serôa M. B. **REGRAS EM CLÍNICA E EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS**: um estudo de caso. 2010, Orientador: Dr. Carlos Augusto Medeiros. Monografia (Trabalho de conclusão do curso) - Centro Universitário de Brasília, Distrito Federal, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2751/2/20525266.pdf>>

Acesso em: 30 mar. 2022.

CASTANHEIRA, Sônia dos S. Regras e aprendizagem por contingência: sempre e em todo lugar. In: GUILHARDI, Hélio José; *et.al.* **Sobre comportamento e cognição**. Vol. 7. Expondo a variabilidade. Santo André: Esetec, 2001. p.

COUTO, Aline Guimarães. O empoderamento das pessoas sob uma perspectiva analítico-comportamental. In: PINHEIRO, RENATA; MIZAEEL, Táhcita. **Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento**. 1ª ed. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade**. Orientadora: Lucia Rabello de Castro. Tese (Doutorado) Curso de Psicologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. – Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia, 2004. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/30/teses/JacquelineCChaves.pdf>>

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 28 - 46, abr. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a04.pdf>>

DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DIOTTO, Nariel. SOUTO, Raquel Buzatti. Desigualdade de gênero e misoginia: a violência invisível. In: 10a Jornada de Pesquisa e 9a Jornada de Extensão do Curso de Direito, 2018, São Paulo. **ANAIS**. São Paulo: 2018, p 1-21. Disponível em: <http://metodistacentenario.com.br/jornada-de-direito/edicoes-anteriores/10a-jornada-de-pesquisa-e-9a-jornada-de-extensao-do-curso-de-direito/artigos/5-ciencias-criminais-processo-penal-e-direitos-humanos-perspectivas-dialogos-e-embates/desigualdade-de-genero-e-mosoginia_a-violencia-inisivel.pdf>

ESCOBAR, Patrícia Elena Santos. **Misoginia e Internet - A manifestação do ódio contra mulheres no ambiente virtual e as possíveis implicações da Lei no 13.642/2018**. Orientador: Prof. Dr. Nelson Gomes de Sant'Ana e Silva Junior.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, 2019. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/297211175.pdf>>

FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Porto Alegre - Rio Grande do Sul, v. 62, n. 2, p. 143 - 155, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v62n2/v62n2a13.pdf>>

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em Psicologia da SBP**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 21, p. 119 - 126, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n2/v12n2a04.pdf>>

FILHO, Marcos Mesquita; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em Adolescentes Masculinos de 12 a 16 Anos. **Saúde Soc.** São Paulo, v.20, n.3, p.554-567, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/WPK4tr8VvxMWGTykbznMyg/?lang=pt&format=pdf>>

GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves; *et.al.* Critérios de seleção para parceiros de curto e de longo prazo de universitárias paulistas. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 18, n.1, p. 99-111, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/2964/1915>>

GUEDES, Dilcio; ASSUNÇÃO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, V. 6, N. 2, P. 396 - 425, SET. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/07.pdf>>

HINTZ, Helena Centeno et al. O Monstro dos Olhos Verdes no Ciberespaço: Ciúme e Redes Sociais. Cap. 8 / In ALMEIDA, Thiago (org.). **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.** v. 2, São Paulo: PoloBooks, 2014.

HUNZIKER, Maria Helena Leite; MORENO, Rafael. Análise da Noção de Variabilidade Comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo, 2000, Vol. 16, n. 2, pp. 135-143. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ptp/a/dSVGWB8LX8pxWZLwrDsdw5b/?lang=pt&format=pdf>>

LINHARES, Yana; LAURENTI, Carolina. Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. **Revista Perspectivas**, Maringá, vol. 9, nº 2, p. 234-247, 2018. Disponível em:

<<file:///C:/Users/Mariana/Downloads/451-Submiss%C3%A3o-569-1359-10-20190730.pdf>>

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor (Vol.2):** do Iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MATOS, Maria Amélia. Comportamento governado por regras. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v.3, n.2, p.51-66, dez. 2001. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-5545200100020007&lng=pt&nrm=iso>

MICHELETTO, Nilza; SERIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. Homem: objeto ou sujeito para skinner?. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 11-21, ago. 1993. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X199300020003&lng=pt&nrm=iso>

MORAES, Mak Alisson Borges de. **O problema mente-corpo na psicologia fenomenológica de Edith Stein:** implicações para uma fundamentação da ciência psicológica. 2016, Orientador: Tommy Akira Goto. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17566/1/ProblemaMenteCorpoPsicologia.pdf>>

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; CARNEIRO, Terezinha Féres. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p. 34 - 47, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>>

NERY, Lorena Bezerra; FONSECA, Flávia Nunes. Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo. In: de-FARIAS, A. K. C. R.; FONSECA, F. N.; NERY, L. B. (Org.) **Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica**. Porto Alegre: Artmed, p. 2-20, 2018.

NICO, Yara. Regras e insensibilidade: conceitos básicos, algumas considerações teóricas e empíricas. KERBAUY, R. R., WIELENSKA, R. C. (Orgs.). **Sobre comportamento e cognição**. Vol. 4. Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação. Santo André: Esetec., 1999. p.

NICOLODI, Laís de Godoy. **Considerações sobre o Patriarcado na perspectiva Analítico Comportamental**. 2020. Orientadora: Maria Helena Leite Hunziker. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-17062020-173252/publico/nicolodi_corrigida.pdf>

NICOLODI, Laís de Godoy; ARANTES, Ana. Poder e patriarcado: contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In: PINHEIRO, RENATA; MIZAEL, Táhcita. **Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento**. 1ª ed. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019.

RIBEIRO, Cristiane Galvão; *et.al.* A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades. In: ALMEIDA, Thiago de. **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois**. 2ª ed. São Paulo: PoloBooks, 2014. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/01/relacionamentos_amorosos_o_antes_o_durante_e_o_depois_voume_2-1.pdf>

SARTORI, Angela Maria; BARBOSA, Claudia Waltrick Machado. **Relacionamentos amorosos na atualidade**. Centro Universitário Unifacvest. Disponível em: <https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/204b3-angela-maria-sartori--relacionamentos-amorosos-na-atualidade-2016_2.pdf>

SCHOSSER, Adriano; CAMARGO, Brigido Vizeu; TEXEIRA, Karen Cristine. Representações sociais da beleza física e relacionamentos amorosos. **Interpersona**, Florianópolis, SC, v. 9, n. 1, p. 1 - 18, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Mariana/Downloads/Dialnet-SocialRepresentationsOfPhysicalBeautyAndRomanticRe-5216085.pdf>>

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Martins Fontes, 1953.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.9, n.1, 1981, p. 129-137. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010>

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. Trad. Maria da Penha Villalobos, 1974.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Contingências De Reforço: Uma Análise Teórica**. Tradução de Rachel Moreno, *Traduzido do original inglês "Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis", New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1969. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/xsev15x>>

SMEHA, Luciane Najjar; OLIVEIRA, Micheli Vieira. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, 2013, v.15, n.2, p.33-45. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/03.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. v. 1.

ZORDAN, Eliana; STREY, Marlene Neves. Separação conjugal: Aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71 - 88, 2011. Disponível em:
<<https://silo.tips/download/separacao-conjugal-aspectos-implicados-nessa-decisao-reverberacao-e-projetos-futur>>